

DOUTORAMENTOS *HONORIS CAUSA*

UNIVERSIDADE DO PORTO

FACULDADE DE LETRAS

REITOR

PROF. DOUTOR JOSÉ CARLOS MARQUES DOS SANTOS

DOUTORANDOS

Prof. Alain Tranoy

Prof. Patrick Le Roux

10 de outubro de 2011 SALÃO NOBRE DA REITORIA DA UNIVERSIDADE DO PORTO

"A Universidade do Porto poderá atribuir o grau de doutor *honoris causa* a personalidades eminentes, nacionais ou estrangeiras, no domínio da ciência e da cultura e ou que hajam contribuído, directa ou indirectamente, para o prestígio e engrandecimento do País, em geral, e da Universidade do Porto, em particular."

(In Regulamento do Doutoramento *Honoris Causa* pela Universidade do Porto)

A UNIVERSIDADE DO PORTO

Apesar de as suas origens remontarem ao século XVIII, a U.Porto foi oficialmente constituída a 22 de março de 1911. Em apenas um século, a Universidade do Porto transformou-se na maior universidade portuguesa e a mais bem classificada internacionalmente. Diariamente, uma comunidade estudantil de quase 31 mil membros alarga o seu horizonte de conhecimentos em 14 faculdades e uma Escola de Gestão, repartidas por três polos universitários.

O conjunto de saberes e competências ao dispor dos estudantes da U.Porto é vasto, diversificado e projetado para o futuro. Os 701 programas de formação disponíveis - 35 cursos de 1º Ciclo /Licenciatura, 18 de Mestrado Integrado, 135 de 2º Ciclo/Mestrado, 85 de 3º Ciclo/Doutoramento e 392 de Formação Contínua – cobrem áreas do conhecimento tão distintas como as engenharias, as ciências da vida, a economia, o estudo humanístico, social e jurídico, o desporto ou as artes.

Para assegurar todas estas competências académicas, existe um corpo qualificado e especializado de 2.366 docentes e investigadores ETI (Equivalente a Tempo Inteiro), 76% dos quais são doutorados. Os recursos humanos da U.Porto integram ainda 1.654 funcionários técnicos e administrativos, dos quais depende a operacionalidade da estrutura orgânica da instituição.

A U.Porto encontra-se, atualmente, num processo de modernização e expansão das suas infraestruturas, com vista ao incremento quantitativa e qualitativo dos equipamentos que compõem os três campus universitários: faculdades, centros de investigação, bibliotecas, auditórios, estruturas museológicas, residências universitárias, instalações desportivas e espaços de convívio apoio social.

Hoje, a universidade reparte a sua atividade pelo Polo I, na baixa da cidade do Porto (local de origem da instituição); pelo Polo II, na zona da Asprela (extrema norte do concelho); e pelo Polo III, na zona do Campo Alegre (margem

ocidental do rio Douro). Dispersos pela cidade, ou mesmo em concelhos limítrofes, localizam-se outros institutos e centros universitários.

A qualidade de ensino da U.Porto é reforçada por uma estreita ligação a investigação científica, ao mundo empresarial, à expressão cultural e artística e aos dois hospitais centrais da cidade. O estudo ministrado extravasa assim a sala de aula, adquirindo uma natureza eminentemente técnico-científica e adequada as necessidades do mercado de trabalho. Existem, de resto, institutos e centros que, dotados de uma certa autonomia, servem de interface entre a Universidade, enquanto parceiro principal, e organizações exteriores a instituição, como empresas, fundações, órgãos de soberania, organismos públicos, entre outras.

A abertura a comunidade constitui, alias, um dos objetivos estratégicos da U.Porto. A cooperação da Universidade com o exterior traduz-se em projetos de formação, em parcerias empresariais, em iniciativas de promoção cultural, em processos de transferência de tecnologia e em programas de financiamento de atividades académicas e de investigação. Neste contexto, a U.Porto disponibiliza um vasto conjunto de serviços promotores do desenvolvimento sociocultural e da inovação empresarial, cuja apropriação pela comunidade tem sido crescente.

Atualmente, a U.Porto é a universidade portuguesa mais procurada pelos candidatos ao ensino superior público e, de ano para ano, vê crescer o seu contingente de estudantes estrangeiros. Alguns cursos da U.Porto registam as mais elevadas médias de ingresso do país, o que é sintomático tanto do capital de prestígio alcançado por esta Universidade como do grau de exigência do seu ensino.

Em 2010, a U.Porto voltou a distinguir-se como a única universidade portuguesa a preencher 100% das vagas na 1ª fase do concurso de acesso ao ensino superior. Simultaneamente, a U.Porto viu o seu contingente de estudantes estrangeiros crescer para 3.550. O número total de estudantes estrangeiros atingiu, em 2010, os 3.550, dos quais 2.062 eram estudantes de grau e 1.488 estudantes de mobilidade.

Não menos reconfortantes são os indicadores relativos à investigação. De acordo com a Web of Science, a U.Porto é responsável por 21% dos artigos científicos portugueses publicados nacional e internacionalmente (1/5 do total

de papers). Trata-se de um valor que comprova o nosso empenho estratégico na investigação, enquanto fator qualificador e distintivo da Universidade no contexto internacional. De resto, a U.Porto integra hoje 61 unidades de investigação, 31 delas avaliadas com Excelente e Muito Bom.

Com base nesta capacidade científica, a Universidade apostou na valorização do conhecimento e na transferência de tecnologia. Neste quadro, importa sublinhar a expansão do UPTEC. No Parque de Ciência & Tecnologia da U.Porto estão incubadas mais de 60 start ups, o que corresponde a quase 600 postos de trabalho diretos.

A U.Porto é, igualmente, uma janela aberta para o mundo. A instituição tem acordos de cooperação firmados com 650 universidades dos cinco continentes. Em 2009, quase 900 estudantes usufruíram dos programas de mobilidade internacional em que a U.Porto participa, como o Programa Erasmus, para frequentarem universidades estrangeiras.

Por tudo isto, a U.Porto - fundação pública em regime de direito privado desde 2008 - esta para o "Times Higher Education World University Ranking" entre as cem melhores universidades europeias.

A FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A Faculdade de Letras da UP, com mais de 3.000 estudantes, oferece 13 cursos de 1º ciclo (licenciatura), 30 de 2º ciclo (mestrado) e 18 de 3º ciclo (doutoramento), nas seguintes áreas: Arqueologia, Ciência da Informação, Ciências da Comunicação, Ciências da Linguagem, Didática, Estudos Culturais, Filosofia, Geografia, História, História da Arte, Línguas Clássicas e Estrangeiras, Literatura, Museologia, Português Língua Estrangeira, Relações Internacionais, Sociologia, Tradução e Turismo. Alguns destes cursos são partilhados com outras Faculdades da UP e/ou outras Universidades.

Além dos cursos conferentes de grau, há ainda uma variada gama de cursos de formação contínua e de cursos livres (de onde se salientam os cursos de línguas, do árabe ao chinês e japonês, passando pelo húngaro ou persa). Os cursos de formação contínua, na sua maioria creditados pelo Conselho Pedagógico e Científico da Formação Contínua, conferem créditos que podem ser usados para a progressão nas carreiras profissionais.

O ensino ministrado visa a produção de conhecimento científico e a aquisição de competências por parte dos estudantes, baseando-se numa troca de saberes, dirigida para a inserção no mundo do trabalho e para o empreendedorismo. Alguns mestrados têm uma componente profissionalizante, traduzida em estágios em empresas ou escolas, proporcionando experiências em contextos reais de trabalho, no cumprimento de objetivos de excelência formativa.

O corpo docente é altamente qualificado, constituído quase exclusivamente por professores doutorados, com vasta produção científica e experiência internacional nas áreas em que investigam e lecionam. A investigação dos docentes e dos estudantes de doutoramento e de mestrado está enquadrada em unidades de investigação e desenvolvimento, financiadas pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, estando em curso um número significativo de projetos nacionais e internacionais.

Protocolos com prestigiadas Universidades estrangeiras (com destaque para as europeias e brasileiras) permitem o intercâmbio de estudantes e docentes.

A Biblioteca tem cerca de 300.000 volumes, disponíveis no catálogo em linha, e é consultada regularmente por estudantes da FLUP e por estudantes de outras Faculdades da UP e de outras Universidades. Estão disponíveis bases de dados internacionais especializadas, podendo os utilizadores usufruir de uma grande panóplia de publicações periódicas eletrónicas; há ainda uma biblioteca digital onde são disponibilizados textos integrais das publicações da FLUP.

A Diretora da FLUP

Maria de Fátima Marinho

HOMENAGEM a Alain Tranoy e Patrick Le Roux

Desde a sua fundação que a Universidade do Porto tem atribuído o título de doutor *honoris causa* a personalidades de mais diversa índole e de características e competências diferenciadas. Ao contrário de outras instituições, a U.Porto privilegia académicos que aliam a excelência da investigação à contribuição decisiva para o desenvolvimento das áreas científicas nela ministradas.

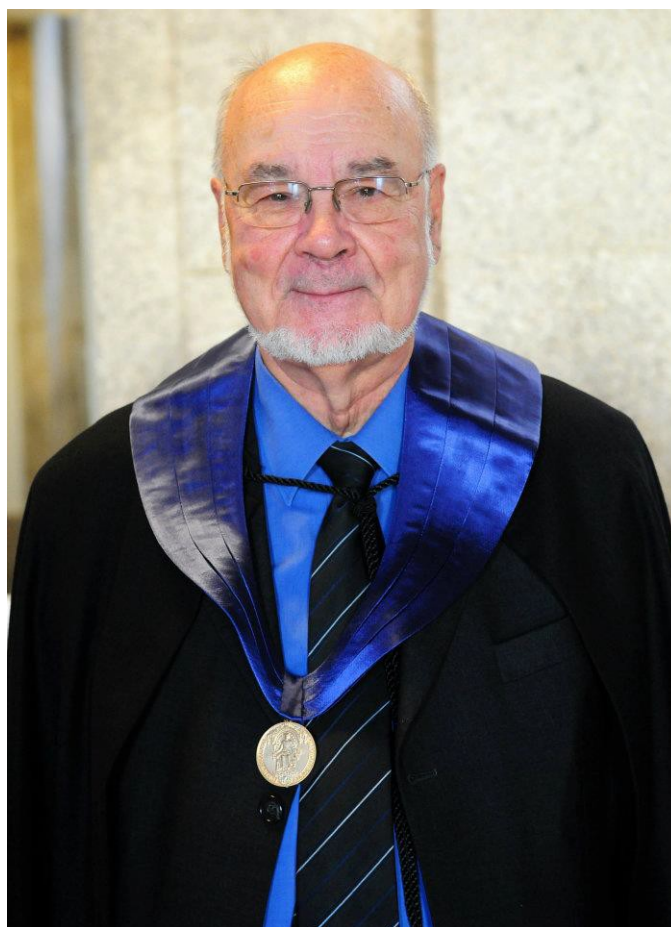
Os Professores Alain Tranoy e Patrick Le Roux respondem inequivocamente a estas condições. Conhecedores como poucos da história do noroeste peninsular, os seus trabalhos e dedicação foram estímulo imprescindível para a criação dos estudos de arqueologia na Faculdade de Letras, sobretudo no que ao período romano e à romanização dizem respeito. A excelência das práticas hoje consignadas dificilmente poderia ter sido atingida sem o seu imprescindível contributo.

A Universidade sente-se honrada com a oportunidade de conceder a estes dois estudiosos um título que quer seletivo, sob pena de cair em generalizações lesivas, causadoras da banalização e do descrédito. A excelência e competitividade que pretendemos reveem-se também nas personalidades cuja obra é um marco impossível de ignorar.

Em nome da Universidade do Porto, muito obrigado!

Setembro de 2012

José Carlos Marques dos Santos
Reitor da Universidade do Porto



ALAIN TRANOY

Curriculum Vitae

Prof. Doutor Alain Tranoy

TRANOY Alain, né le 6 mars 1939 à Toul.

1965: Agrégé d'Histoire.

1967-71: Assistant d'histoire ancienne à la Faculté des Lettres de Poitiers.

1971: Docteur de 3^{ème} cycle de l'Université de Bordeaux sur le sujet : Edition, traduction et commentaire de la Chronique d'Hydace, mention très bien.

Maître-assistant à la Faculté des Lettres de Poitiers en histoire ancienne.

1972-4: Membre de la section scientifique de la Casa de Velázquez à Madrid.

Participation aux fouilles archéologiques de Belo (Tarifa).

Co-direction d'une fouille archéologique franco-portugaise à Braga (Portugal).

1979: Docteur d'Etat de l'Université de Bordeaux sur le sujet : La Galice Romaine, mention très honorable

1981: Professeur d'Histoire ancienne et d'Archéologie de la Faculté des Sciences Humaines de Poitiers.

1979-84: Directeur du Département d'Histoire de la Faculté des Sciences Humaines de Poitiers.

1986: Doyen de l'U.F.R. Faculté des Sciences Humaines de Poitiers.

1993 -1998: Président de l'Université de Poitiers.

1993-2001: Vice-président du Conseil Economique et Social de la région Poitou-Charentes.

1999-2002: Conseiller d'établissement auprès du Ministère de l'Education et de la Recherche pour l'Académie de Lyon, Caen, La Réunion.

2003: départ à la retraite.

2004 (octobre) : Remise des Mélanges offerts à A.Tranoy: Au Jardin des Hespérides.

2006-2009: Président de la Société des Amis des Musées de Poitiers.

Distinctions honorifiques :

1999 : Officier dans l'ordre des Palmes Académiques.

2003 : Officier dans l'ordre national du Mérite.

2005 : Chevalier dans l'ordre de la légion d'honneur.

BIBLIOGRAPHIE**1973**

1. Notes d'épigraphie romaine de Galice, dans *Cuadernos d'Estudios Gallegos*, XXVIII, 1973, p. 221-234 (en collab. avec P. Le Roux).
2. Rome et les indigènes dans le nord-ouest de la péninsule ibérique. Problèmes d'épigraphie et d'histoire, dans *Mélanges de la Casa de Velázquez*, IX, 1973, p.177-231 (en collab. avec P. Le Roux).

1974

3. Pierre fautive ou un problème d'atelier au musée de Leòn, dans *Mélanges de la Casa de Velázquez*, X, 1974, p. 5-20 (en collab. avec P. Le Roux).
4. *Hydace. Chronique* (Sources Chrétiennes, n°218-9), Paris, 1974.
5. Contribution à l'étude des régions rurales du N.O. hispanique au Haut-Empire: deux inscriptions de Penafiel, dans *III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto, 1973*, Porto, 1974, p. 249-258 (en collab. avec P. Le Roux).

1975

6. Problèmes épigraphiques de la province d'Orense, dans *Boletín Auriense*, V, 1975, p. 271-279 (en collab. avec P. Le Roux).
7. Histoire religieuse de la péninsule ibérique (Bibliographie), dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXVII, 1975, p. 200-204.

1976

8. Les dimensions sociales de la romanisation dans la péninsule ibérique des origines à la fin de l'empire, dans *VI Congrès International d'Etudes Classiques (Madrid, 1974)*, Paris, 1976, p. 95-107 (en collab. avec R. Etienne, G. Fabre, P. Le Roux).

1977

9. Compte-rendu de F. Dunand et P. Lévêque, Les syncrétismes dans les religions de l'Antiquité, Leiden, 1975, dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXVIII-LXXIX, 1976-7, p. 234-235.
10. Compte-rendu de J. M. Blázquez, Diccionario de las religiones prerromanas de Hispania, Madrid, 1975, dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXVIII-LXXIX, 1976-7, p. 243.

11. Compte-rendu de F. Javier Lomas Salmonte, Asturia prerromana y altoimperial, Séville, 1975, dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXVIII-LXXIX, 1976-7, p. 327-328.

12. Les chrétiens et le rôle de l'évêque en Galice au Vème s., dans *Actas del Coloquio internacional sobre el bimilenario de Lugo*, 1976, Lugo, 1977, p. 251-260.

13. A propos des Callaeci de Pline. Epigraphie et peuplement, dans *Bracara Augusta*, XXXI, 1977, p. 225-233.

1979

14. Histoire religieuse de la péninsule ibérique (bibliographie), dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXXI, 1979, p. 173-178.

15. Nouveau témoignage du culte de Jupiter dans le conventus Bracarus, dans *Minia*, II, 1979, p. 57-60 (en collab. avec P. Le Roux).

16. *Inscriptions romaines de la province de Lugo* (Centre Pierre Paris, 3), Paris, 1979 (en collab. avec F. Arias Vilas et P. Le Roux).

1980

17. Religion et société à Bracara Augusta (Braga) au Haut-Empire romain, dans *Actas do Seminario de Arqueologia do Noroeste peninsular*, Guimarães, 1979, Guimarães, III, 1980, p. 67-83.

18. Le pseudo-milliaire de S. Claudio (Gostei, Bragance) et les limites orientales du conventus de Braga, dans *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, XXIII, 1980, p. 589-594.

1981

19. Romanisation et monde indigène dans la Galice romaine : problèmes et perspectives, dans *Primera Reunión Gallega de Estudios Clasicos*, Santiago-Pontevedra, julio 1979, Saint-Jacques-de-Compostelle, 1981, p. 105-121.

20. *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la péninsule ibérique dans l'Antiquité* (Centre Pierre Paris, 7), Paris, 1981.

1982

21. Les villes romaines de la péninsule ibérique, dans *Les villes dans le monde ibérique. Colloque de Talence*, 1980, Paris, 1982, p. 11-23 (en collab. avec J. N. Bonneville, R. Etienne, P. Rouillard, P. Sillières).

22. Agglomérations indigènes et villes augustéennes dans le nord-ouest ibérique, dans *Villes et campagnes dans l'empire romain*, Aix-en-Provence, 1982, p.125-137.

23. El contexto histórico del priscilianismo en Galicia en los siglos IV y V, dans *Prisciliano y el priscilianismo, Cuadernos del Norte*, Oviedo, 1982, p. 77-81.

24. Nouvelles inscriptions du nord du Portugal, dans *Minia*, V, 1982, p. 31-37 (en collab. avec P. Le Roux).

25. Compte-rendu de V. Bracco, Le urne romane della costa d'Amalfi, Salerne, 1971, dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXXIV, 1982, p. 351.

1983

26. Lucus Augusti, capital regional antigua, dans *Lucus*, 36, 1983, p. 16-17.

27. O, Le mot et la chose. Contribution au débat historiographique, dans *Archivo Español de Arqueología*, 56, 1983, p. 109-121 (en collab. avec P. Le Roux), publié aussi dans *Lucerna*, Porto, 1984, p. 239-255.

28. Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga, dans *Bracara Augusta*, XXXVII, 1983, p. 185-205 (en collab. avec L. Dos Santos et P. Le Roux).

29. Remarques sur la permanence et les mutations dans la Galice antique : le rôle de villes, dans *II Seminario de Arqueología del Noroeste*, 1983, p. 195-201.

30. Compte-rendu de J. C. Bermejo Berrera, La sociedad en Galicia castreña, Santiago de Compostela, 1978, dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXXV, 1983-4, p. 350-351.

1984

31. L'épigraphie et le nord-ouest de la péninsule ibérique, dans *Epigraphie Hispanique. Problèmes de méthode et d'édition*, Paris, 1984, p. 334-335.

32. L'épigraphie du nord du Portugal. Bilan et perspectives, dans *Conimbriga*, XXIII, 1984, p. 19-41 (en collab. avec P. Le Roux).

33. Histoire religieuse de la péninsule ibérique (bibliographie), dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXXIV, 1982 (1984), p. 260-266.

34. Compte-rendu de J. Arce, El ultimo siglo de la España romana, Madrid, 1982, dans *Gnomon*, p. 471-472.

35. Ateliers lapidaires et niveaux de culture dans le nord du Portugal, dans *Gallaecia*, 7-8, 1984, p. 260-266.

36. Villes et fonctions urbaines dans le nord-ouest hispanique sous domination romaine, dans *Actas do Coloquio Inter-universitario do Noroeste, 1983, Portugalia*, IV-V, 1983-4, p. 199-207 (en collab. avec P. Le Roux).

37. Compte-rendu de J. André, Isidore de Séville, Etymologies, Livre XVII, dans *Cahiers de Civilisation Médiévale*, XXVII, 1984, p. 367.

38. Centralisme, décentralisation ou provincialisation. Aquitaine et Galice d'Auguste à Constantin, dans *Revue Historique*, CCLXXII, 1984, p. 273-294 et dans *Centralismo y Descentralización Modelos y procesos históricos en Francia y en España. Coloquio Franco-Espanol, Madrid, 1984*, Madrid, 1985, p. 51-75.

39. Enigmes épigraphiques et nouveaux cultes indigènes dans le conventus de Braga, dans *Revista de Guimarães*, XCIV, 1984, p. 443-449.

1985

40. Rapport du sujet d'écrit du CAPES. Histoire-Géographie 1985, dans *Historiens et Géographes*, 307, 1985, p. 454-458.

1986

41. Dans le monde romain antique, chap. 11 à 17 (p.96-147) du manuel, *Histoire-Géographie. Initiation économique*, 6e, Hatier, Paris, 1986, avec livret du professeur, p. 46-6

42. Immigration et émigration. Les mouvements de population dans le conventus d'Astorga, dans *Actas del I Congreso Internacional sobre Astorga Romana, septiembre 1986*, Astorga, 1986, p.123-144.

43. Compte-rendu de la table ronde "Epigraphie Hispanique", Paris, 1984, dans *Revue des Etudes Latines*, 1987.

1987

44. La Tessera Hospitalis, instrument de sociabilité et de romanisation dans la péninsule ibérique, dans *Actes du Colloque de Rouen, novembre 1983*, Rouen, 1987, p. 323-336.

45. *La Gaule, six premiers chapitres de Histoire de France*, sous la direction de J. Carpentier et F. Lebrun, Paris, 1987, p. 17-86, réédité dans la collection "Points-Histoire", H.125.

46. Compte-rendu de "Religi3n, Supersticiones y Magia en el mundo romano", (Encuentros en la Antigüedad. Departamento de historia antigua) Cadix, 1985, dans *Revue des Etudes Anciennes*, LXXXIX, 1987, p. 184-185.

1988

- 47.** Minerve et la *Civitas* des Pictons, dans *Hommage à Robert Etienne*, Paris, 1988, p. 167-178.
- 48.** Du héros au chef. L'image du guerrier dans les sociétés indigènes du nord-ouest de la péninsule ibérique (II^e s. avant J.-C.-Iers. après J.-C.), dans *Actes du Colloque, Le monde des images en Gaule et dans les provinces voisines, Ecole Normale Supérieure, Sèvres, mai 1987*, Paris, 1988, p. 219-227.
- 49.** Gallaecia romana: historiografía y problemática, dans *IV Xornadas de Historia de Galicia, Historiografía Gallega*, Orense, 1988, p. 83-103.
- 50.** Religion. Bibliographie dans *Histoire et archéologie de la péninsule ibérique antique. Chronique IV-1983-1987 (REA, XCI, 1989, 3-4, p. 229-234* (en collaboration avec Ph. Peaud).

1990

- 51.** L'organisation urbaine dans le "conventus Scallabitanus", dans *Les villes de Lusitanie romaine. Table ronde internationale du CNRS*, Editions du CNRS, Paris, 1990, p. 11-20.
- 52.** Propositions pour un nouveau tracé des limites anciennes de la Lusitanie romaine, dans *Les villes de Lusitanie romaine. Table ronde internationale du CNRS*, Editions du CNRS, Paris, 1990, p.318-329 avec carte (en collaboration avec J. Alarcao, J. G. Gorges, V. Mantas, M. Salinas de Frias, P. Sillières).
- 53.** *La Méditerranée antique, IV^e siècle av. J.-C. / III^e siècle ap. J.-C.* (collection *Cursus*), Paris, 1990 (en collaboration avec M. Sartre).
- 54.** *Chapitre 3 à 6 de L'Histoire de l'Europe*, sous la direction de J. Carpentier et F. Lebrun, Paris, 1990, p. 60-119.
- 55.** Compte-rendu de J.E.Lopez Pereira, El primer despertar cultural de Galicia. Cultura y literatura en los siglos IV y V, dans *Grial*, t. XXVIII, n°108, Vigo, 1990, p.563-564.
- 56.** Rapport sur l'épreuve d'explication de texte pour l'écrit de l'agrégation d'histoire de 1990, dans *Historiens et Géographes*, n°330, Janvier/Février 1991, p. 115-118.
- 57.** Compte-rendu de S. MULHBERGER, *The Fifth-Century Chroniclers: Prosper, Hydatius and teh Gallic Chronicler of 452*, Leeds, 1990, dans *REL*, 92, 1990, p. 403-405.

1991

58. Rapport sur l'épreuve d'explication de texte pour l'écrit de l'agrégation d'histoire de 1991, dans *Historiens et Géographes*, n°334, Novembre/Décembre 1991, p. 94-95.

59. Compte-rendu de CL.DOMERGUE, *Les mines de la péninsule ibérique dans l'Antiquité romaine*, Rome, 1990, dans *REA*, XCIII, 1991, 3-4, p. 443-444.

1992

60. Permanences indigènes et romanisation, dans *Congreso Internacional da Cultura Galega, Santiago de Compostela, outubro 1990*.

1993

61. As necrópoles de Bracara Augusta. B. Les inscriptions funéraires, dans *Cadernos de Arqueologia*, 1989-1990, 6-7, p.187-248 (en collaboration avec P. Le Roux).

62. Communautés indigènes et promotion juridique dans le nord-ouest hispanique, dans *Actes du Colloque organisé par le Casa de Velázquez et par le Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 25-27 janvier 1990 : Ciudad y comunidad cívica en Hispania. Siglos II y III d.C. ; cité et communauté civique en Hispania*, Madrid, 1993, p. 27-35.

63. Conclusions de la Mesa Redonda Internacional "El Medio Rural en Lusitania Romana. Formas de Habitat y ocupación del suelo", Salamanca, 29-30 janvier 1993, dans *Studia Historica. Historia Antigua*, X-XI, 1992-1993, p.319-323 (voir 1994, édition en français).

1994

64. Conclusions de la table ronde internationale (Salamanque, 29 et 30 janvier 1993) : "Les campagnes de Lusitanie romaine". Occupation du sol et habitats." (Collection de la Casa de Velázquez, 47), Madrid-Salamanque, 1994, p. 319-323.

65. Compte-rendu de P.AUPERT, contribution de J. HIERNARD et de M. FINCKER, *Sanxay*, Paris, 1992, dans *Atlantiques, Aquitaine, Poitou-Charentes*, dossier n°2, Février 1994, p.19.

1995

66. La rive nord du Douro à l'époque romaine : contribution épigraphique à l'étude d'une zone frontière, dans *1 Congresso internacional sobre o rio Douro. Arqueologia, Gaia*, VI, 1995, p. 125-136.

67. Notice "Epigraphie", dans *Encyclopédie internationale de la Bibliologie* (en collab. avec R. Favreau).

68. Histoire religieuse, dans *Histoire et archéologie de la péninsule ibérique antique. Chronique V-1988-1992*, dans *REA*, 97, 1995, 1-2, p. 344-349.

1996

69. La route, image et instrument du pouvoir impérial dans le nord-ouest ibérique, dans *Actas do Colóquio sobre a rede viária da Gallaecia, novembre 1995, Cadernos de Arqueologia*, 12-13, 1995-6, p. 31-36.

1997

70. René Descartes, étudiant à Poitiers, dans *Chemins de Descartes, Colloque de Poitiers 14-15 novembre 1997*, Paris, 1997, p. 35-39.

1998

71. *La Méditerranée antique ou la quête de l'unité* dans *Histoire de la Méditerranée*, sous la direction de J. Carpentier et F. Lebrun, Paris, 1998, p. 21-122.

2000

72. Histoire religieuse, dans *Histoire et archéologie de la péninsule ibérique antique. Chronique VI-1993-1997*, dans *REA*, 102, 2000, 1-2, p. 185-190.

73. Migrations et courants migratoires dans le conventus Scallabitanus, dans *Sociedad y cultura en Lusitania romana. IV Mesa redonda internacional*, Mérida, 2000, p.229-239 (en collaboration avec B. Martineau).

74. *La Parthénos: mythes et réalités*, dans *Actes du Colloque « Grossesse et adolescence, Deuxième Journée Médecine et santé de l'adolescent »*, Poitiers, 2000, p. 9-13.

75. Le forum antique, lieu de mémoire et lieu de pouvoirs, dans *Mathesis*, 9, 2000, p. 175-196.

2001

76. Introduction, dans *Elites hispaniques*, Bordeaux, Ausonius-Publications. Etudes, 6, 2001, p. 9-10.

77. La sacralisation du pouvoir impérial, dans *Colloque Théologie et société. Affirmation trinitaire et modèle impérial au temps d'Hilaire de Poitiers*, Centre théologique de Poitiers, 2001, p. 5-9.

2002

78. A Fonte da Idolo, dans *Religiões da Lusitânia, Loquuntur Saxa*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisbonne, 2002, p. 31-32.

2003

79. *Atlas antroponímico de la Lusitania romana*, Merida-Bordeaux, 2003, 427 p. (en collaboration avec les membres du Grupo de Mérida).

2004

80. Panóias ou les rochers des dieux, dans *Conimbriga, XLIII*, 2004, p.87-98 (hommage à J. Alarcão).

81. Stèle funéraire d'Eiras Velhas, Horta de Vilarça (Conventus Bracaaugustanus), dans *Ficheiro Epigráfico*, 75, 2004, n°330 (avec P. Le Roux)

2005

82. Religion et territoire en Galice au premier siècle de l'empire romain, dans *L'Aquitaine et l'Hispanie septentrionale à l'époque julio-claudienne, Saintes, septembre 2003, Aquitania*, supplément 13, Bordeaux, 2005, p. 119-124.



PATRICK LE ROUX

Curriculum Vitae

Prof. Doutor Patrick Le Roux

LE ROUX Patrick, né le 3/10/1943 à Morlaix (29).

1960 (juin): Baccalauréat, série Philosophie.

1960-1962: Lettres supérieures, Lycée de Rennes.

Première supérieure, Lycée de Rennes.

1964: Licence d'Enseignement d'Histoire (Université de Rennes).

1964-1965: Maître-auxiliaire à l'Institution Saint-Martin Rennes

1965 (oct.): D.E.S. Histoire Ancienne (dir. A. Chastagnol), mention Très Bien.

1967: C.A.P.E.S. Histoire-Géographie (17^e) ; Agrégation d'Histoire (20^e).

1967-1968: Professeur au Lycée Descartes à Tours.

1968-1970: Professeur coopérant au Lycée Français de Londres (Grande-Bretagne).

1970-1973: Membre de la Section Scientifique de la Casa de Velázquez à Madrid (Espagne).

1972 (déc.): Inscription sur la L.A.F.M.A.

1973-1977: Assistant d'Histoire ancienne à l'Université de Paris X-Nanterre.

1977-1983: Maître-Assistant d'Histoire ancienne à l'Université de Paris X-Nanterre.

1980 (13 mars): Soutenance de ma thèse d'Etat à l'Université de Bordeaux III: L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409 (Jury : R. Etienne, directeur; Cl. Nicolet, prof. à Paris I; M. Le Glay, prof. à Paris X; A. Chastagnol, prof. à Paris IV; L. Maurin, prof. à Bordeaux III). Mention très honorable à l'unanimité.

(depuis) 1980: rédacteur de l'Année Épigraphique.

1983 (depuis le 1^{er} avril): Professeur d'Histoire ancienne et Archéologie à l'Université de Toulouse 2.

1983 (session de): nommé correcteur de l'écrit de l'Agrégation (président : M. Bordet).

1986 (sept-déc.): Visiting member à l'Institute for Advanced Study de Princeton (New Jersey, USA).

1990-1994: Enseignant invité à l'ENS Ulm (préparation à l'Agrégation programme et hors-programme. Enseignement module de première et deuxième année).

1992 (janv.): Admission à la première classe des Professeurs des Universités sur proposition du C.N.U.

1992-1994: Détaché comme D.R. au CNRS, Laboratoire Année-Epigraphique-Fonds Pflaum.

(depuis) 1992: Secrétaire de rédaction, L'Année Épigraphique.

1994-1996: Professeur à l'Université de Toulouse 2.

1995 (30 juin): élu membre correspondant de la Real Academia de la Historia, Madrid.

1996-2003: Professeur à l'Université de Rennes 2.

2003: Professeur à l'Université de Paris 13.

2003 (JO du 23 juin): membre du CTHS.

2006: (1^{er} septembre) admission à la Classe exceptionnelle des Professeurs des Universités sur proposition du CNU.

2008: (4 octobre): admission à la retraite; Professeur émérite.

BIBLIOGRAPHIE

I - OUVRAGES ET EDITIONS :

1. F. ARIAS VILAS, P. LE ROUX, A. TRANOY, *Inscriptions Romaines de la Province de Lugo* (Publications du Centre Pierre Paris 3), Paris, 1979, 158 p.
2. P. LE ROUX, *L'armée romaine et l'organisation des provinces ibériques d'Auguste à l'invasion de 409* (Publications du Centre Pierre Paris 8), Paris, 1982, 493 p. (épuisé).
3. J.-N. BONNEVILLE, S. DARDAINE, P. LE ROUX, *Belo V. L'Epigraphie. Les inscriptions romaines de Baelo Claudia* (Publications de la Casa de Velazquez, série Archéologie X), Madrid, 1988, 164 p.
4. Rédaction annuelle de *L'Année Epigraphique* 1981-2004 (25 vol. en collaboration avec en particulier les traductions pour la première fois en français de la *Lex Irnitana* et du *Senatus-consultum de Cn. Pisone patre*); 2005 sous presse (équivalent depuis dix ans d'environ 70 à 80 p. par an en dehors des *indices* et de la relecture de la totalité du manuscrit).
5. (J. ARCE et P. LE ROUX éd.) : *La ciudad y la comunidad cívica en Hispania (siglos II-III d.C.)*, Actes du Colloque international (Casa de Velazquez Madrid 25-27 janv. 1990), Madrid, 1993.
6. P. LE ROUX, *Romains d'Espagne. Cités et politique dans les provinces*, Paris, A. Colin, 1995, 182 p. (épuisé).
7. P. LE ROUX, *Le Haut-Empire romain en Occident d'Auguste aux Sévères*, Paris, Nouvelle Histoire de l'Antiquité-8, Points-Seuil H 219, 1998, 510 p. (deuxième tirage en juin 2000 (porté à 11000 ex.); troisième tirage en 2003 (porté à 16 000 ex.)).
8. Révision de Pline l'Ancien, *Histoire naturelle. Livre III*, texte établi, traduit et commenté par H. ZEHACKER, Paris, CUF, 1998.
9. P. LE ROUX, *L'Empire romain*, Paris, Que sais-je ?, 1536, février 2005, 128 p. (traduction italienne, *L'Impero romano*, Newton and Compton, novembre 2005 ; traduction en turc, DOST 2006; traduction en arabe en cours au Liban ; traduction en grec moderne en cours).
10. P. Le Roux, *Romanos de España. Ciudades y política en las provincias [siglo II A.C. – siglo III D.C.]*, Barcelone, trad. espagn. de l'ouvrage de 1995 avec nouvelle préface et compléments bibliographiques, Bellaterra, 2006.

11. « *La invención de una geografía de la Península ibérica. I. La época republicana* », G. Andreotti, P. Le Roux, P. Moret eds, Madrid, Casa de Velázquez, 3-4 de marzo de 2005, Malaga, 2006.

12. « *La invención de una geografía de la Península ibérica. II. La época imperial* », G. Andreotti, P. Le Roux, P. Moret eds, Madrid, Casa de Velázquez, 3-4 de abril de 2006, Malaga, 2007.

13. P. LE ROUX, *Romanos de España. Ciudades y política en las provincias [siglo II a. C. – siglo III d. C.]*, Barcelone, Bellaterra arqueología, 2006 (trad. espagnole révisée et augmentée).

En préparation:

14. P. LE ROUX, M. NAVARRO, A. TRANOY : *L'épigraphie romaine du nord du Portugal I: les inscriptions du Tras-os-Montes*, Bordeaux, PETRAE.

15. P. LE ROUX, *La péninsule Ibérique aux époques romaines, 206 avant J.-C – 409 ap. J.-C.*, Paris, Armand Colin, en cours.

II - ARTICLES ET CONTRIBUTIONS:

1971

1. P. LE ROUX et G. FABRE, Inscriptions latines du Musée de Coimbra, *Conimbriga*, 10, 1971, p. 117-130.

1972

2. P. LE ROUX, Recherches sur les centurions de la Legio VII Gemina, *MCV*, 8, 1972, p. 89-147.

3. (en collaboration avec J.C.M. RICHARD et M. PONSICH), La sixième campagne de fouilles à Belo (Bologna, province de Cadix) en 1971, *MCV*, 8, 1972, p. 571-578.

4. Structures agraires antiques dans la région de Séville : essai de problématique. Révision des textes et liaisons entre les différentes communications par P. LE ROUX, *MCV*, 8, 1972, p. 539-646.

1973

5. P. LE ROUX et A. TRANOY, Rome et les indigènes dans le Nord-Ouest de la péninsule Ibérique. Problèmes d'épigraphie et d'histoire, *MCV*, 9, 1973, p. 177-231.

6. P. LE ROUX, La Ville campagne de fouilles à Belo (Bolonia, province de Cadix), *MCV*, 9, 1973, p. 755-768.

7. P. LE ROUX et A. TRANOY, Notes d'épigraphie romaine de Galice, *CEG*, 28, 1973, p. 221-234.

1974

8. P. LE ROUX et A. TRANOY, Contribution à l'étude des régions rurales du N.O. hispanique au Haut-Empire: deux inscriptions de Penafiel, (*Congresso Nacional de Arqueologia III Porto -1973*), Porto, 1974, p. 249-258.

9. P. LE ROUX, Les stèles funéraires de Braga. Remarques sur une nouvelle inscription en vers, *Archaeologia Opuscula 1*, Porto, 1974, p. 41-48.

10. A. TRANOY et P. LE ROUX, Pierre fautive ou un problème d'atelier au Musée de León, *MCV*, 10, 1974, p. 5-20.

1975

11. P. LE ROUX, L'Hispania et l'armée romaine. Remarques autour d'un livre de J.M. Roldán, *REA*, 77, 1975, p. 140-150.

12. P. LE ROUX, Histoire militaire dans "Histoire et Archéologie de la péninsule Ibérique antique", Chronique I, 1968-1972, *REA*, 77, p. 184-191.

13. P. LE ROUX, La Villa campaña de excavaciones de Baelo-Bolonia (Provincia de Cádiz), *NAH*, 3, 1975, p. 195-205.

14. P. LE ROUX, Aux origines de Braga (Bracara Augusta), *Bracara Augusta*, 29, 1975, p. 3-7.

15. P. LE ROUX et A. TRANOY, Problèmes épigraphiques de la province d'Orense, *Boletín Auriense*, 5, 1975, p. 271-279.

16. P. LE ROUX, J.C.M. RICHARD et M. PONSICH, Un document nouveau sur Belo (Bolonia, province de Cadix): l'inscription de Q. Pupius Urbicus, *AEspArq*, 48, 1975, p. 129-140.

1976

17. P. LE ROUX, Remarques générales sur le vicus gallo-romain, *Caesarodunum*, 11, 1976, p. 328-329.

18. R. ETIENNE, G. FABRE, P. LE ROUX, A. TRANOY, Les dimensions sociales de la romanisation dans la péninsule Ibérique des origines à la fin de l'Empire, *Assimilation et Résistance à la culture gréco-romaine dans le monde ancien*, *Vle Congrès de la FIEC (Madrid 1974)*, Paris-Bucarest, 1976, p. 95-107.

1977

19. P. LE ROUX, Une inscription fragmentaire d'Augusta Emerita de Lusitanie à la lumière des *Histoires* de Tacite, *Chiron*, 7, 1977, p. 285-289.
20. P. LE ROUX, Lucus Augusti capitale administrative au Haut-Empire, *Actas del Coloquio internacional sobre el bimilenario de Lugo*, Lugo, 1977, p. 83-105.
21. P. LE ROUX, L'armée de la péninsule Ibérique et la vie économique sous le Haut-Empire romain, *Armées et Fiscalité* (Colloque International du CNRS), Paris, 1977, p. 341-371.

1978

22. P. LE ROUX, A propos d'une inscription de Tarragone : la carrière du centurion Aurelius Iustus, *AEspArq*, 50-51, 1977-1978, p. 77-86.

1979

23. P. LE ROUX et A. TRANOY, Nouveau témoignage du culte de Jupiter dans le conventus Bracarus, *Minia*, 2, 3, 1979, p. 57-60.
24. P. LE ROUX, Histoire militaire dans "Histoire et Archéologie de la péninsule Ibérique antique", Chronique II, 1973-1977, *REA*, 81, 1979, 1/2, p. 160-164.

1980

25. P. LE ROUX, Les auxiliaires recrutés chez les Bracari et l'organisation politique dans le Nord-Ouest hispanique, *Actas do Seminario de Arqueologia do Noroeste Peninsular III*, Guimarães, 1980, p. 43-65.

1981

26. P. LE ROUX, Inscriptions militaires et déplacements de troupes dans l'Empire Romain (Gedenkschrift für H.-G. Pflaum), *ZPE*, 43, p. 195-206.
27. (en collaboration avec J.-N. BONNEVILLE et *alii*), La XVe campagne de fouilles de la Casa de Velazquez à Belo en 1980 (Bolonía, province de Cadix), *MCV*, 17, 1981, p. 393-456.

1982

28. (en collaboration avec J.-N. BONNEVILLE et *alii*), La XVIe campagne de fouilles de la Casa de Velazquez à Belo en 1981 (Bolonía, province de Cadix), *MCV*, 18, 2, 1982, p. 5-65.
29. P. LE ROUX, Contributions à "Histoire et Archéologie de la péninsule Ibérique antique", Chronique III, 1978-1982, *REA*, 84, 1982, p. 213-217 et 246-248.

30. P. LE ROUX, Le monde urbain et les indigènes: les données du problème dans le Nord-Ouest hispanique, *Villes et campagnes dans l'Empire romain*, Aix-en-Provence, 1982, p. 177-179.
31. Intervention sur l'exposé de Ph. Leveau, *Ibid.*, p. 91-93.
32. P. LE ROUX et A. TRANOY, Nouvelles inscriptions du nord du Portugal, *Minia*, 2e sér., 6, 1982, p. 31-37.
33. P. LE ROUX, Les sénateurs originaires de la province d'Hispania citerior au Haut-Empire, *Epigrafia e ordine senatorio II*, Rome, 1982, p. 439-464.
34. P. LE ROUX, Eléments de réflexion, *Ibid.*, p. 785-787.

1983

35. L. DOS SANTOS, P. LE ROUX, A. TRANOY, Inscrições romanas do Museu Pio XII em Braga, *Bracara Augusta*, 37, 1983, p. 182-205.
36. P. LE ROUX et A. TRANOY, le mot et la chose. Contribution au débat historiographique, *AEspArq*, 56, 1983, p. 109-121.
37. P. LE ROUX, L'armée romaine au quotidien: deux graffiti de Pompéi et Rome, *Epigraphica*, 45, 1983, p. 65-77.
38. J. LANCHÁ, P. LE ROUX, P. ROUILLARD, La XVIIe campagne de fouilles de la Casa Velazquez à Belo en 1982 (Bolonía, province de Cadix), *MCV*, 19, 1983, p. 401-432.

1984

39. P. LE ROUX, Galba et Tarraco: à propos de Suétone *Galba* XII, 1, *Pallas*, 31, 1984, p. 113-124.
40. P. LE ROUX, E. Hübner ou le métier d'épigraphiste, *Epigraphie Hispanique. Problèmes de méthode et d'édition* (Publications du Centre Pierre Paris 10), Paris, 1984, p. 17-31.
41. P. LE ROUX, Autour de la notion d'inscription fautive, *Ibid.*, p. 175-180.
42. P. LE ROUX et G. FABRE, Conclusions générales, *Ibid.*, p. 387-391.
43. P. LE ROUX et A. TRANOY, L'épigraphie du nord du Portugal: bilan et perspectives, *Conimbriga*, 23, 1984, p. 19-41.
44. P. LE ROUX et A. TRANOY, Villes et fonctions urbaines dans le Nord-Ouest hispanique sous domination romaine, *Portugalia*, 4/5, 1983-1984, p. 199-207.
45. P. LE ROUX, Pouvoir central et provinces, *REA*, 86, 1984, p. 31-53.

1985

46. M. CHRISTOL et P. LE ROUX, L'aile Tauriana Torquata et les relations militaires de l'Hispanie et de la Maurétanie Tingitane entre Claude et Domitien, *AntAfr.*, 21, 1985, p. 15-33.
47. P. LE ROUX, Provincialisation et recrutement militaire dans le Nord-Ouest hispanique au Haut-Empire romain, *Gerión*, 3, 1985, p. 283-308.
48. P. LE ROUX, L'exercitus hispanus et les guerres daciques de Trajan, *MCV*, 21, 1985, p. 77-97.
49. P. LE ROUX, L'Hispania et l'imperium. Réponse à G. Alföldy, *Gerión*, 3, 1985, p. 411-422.
50. P. LE ROUX, Procurateur affranchi in Hispania: Saturninus et l'activité minière, *MM*, 26, 1985, p. 216-233.

1986

51. P. LE ROUX, L'huile de Bétique et le Prince: sur un itinéraire annonaire, *REA (Hommages à R. Etienne)*, 88, 1986, p. 247-271.
52. P. LE ROUX, Th. Mommsen et C. Iulius Macer (*CIL*, XIII, 1041), *Pallas (Hommages à M. Labrousse)*, h.s., 1986, p. 119-135.
53. P. LE ROUX, Les diplômes militaires et l'évolution de l'armée romaine de Claude à Septime Sévère : auxilia, numeri et nationes, *Heer und Integrationspolitik: die römischen Militärdiplome als historische Quelle (Passauer Historische Forschungen 2)*, Cologne, 1986, p. 347-374.
54. P. LE ROUX, Municipe et droit Latin en Hispania sous l'Empire, *RHD*, 64, 1986, p. 325-350.

1987

55. R. ETIENNE, P. LE ROUX, A. TRANOY, La *Tessera hospitalis* instrument de sociabilité et de romanisation de la péninsule Ibérique, *Sociabilité, Pouvoirs et Société (Actes du Colloque de Rouen 24/26 novembre 1983)*, 1987, p. 323-336.
56. P. LE ROUX, L'empereur et l'armée romaine, *REL*, 63, 1987, p. 42-49.

1988

57. P. LE ROUX, Siarum et la Tabula Siarensis: statut politique et honneurs religieux en Bétique sous Tibère, *Estudios sobre la Tabula Siarensis (Anejos de Archivo Español de Arqueología IX)*, Madrid, 1988, p. 21-33.

1989

- 58.** P. LE ROUX, Les provinces romaines d'Europe centrale et occidentale de 31 av. J.-C. à 235 ap. J.-C., Bibliographie Agrégation, *Historiens et Géographes*, 324, août-septembre 1989, p. 151-167.
- 59.** P. LE ROUX, Exploitations minières et armées romaines : essai d'interprétation, *Mineria y metalurgia en las antiguas civilizaciones mediterráneas y europeas (coloquio internacional Madrid 25-28 octubre 1985)*, Madrid, 1989, p. 171-182.
- 60.** P. LE ROUX, Aux frontières de l'épigraphie juridique : l'inscription d'Asadur, Orense (AE, 1973, 317=1974, 394), *Epigrafía jurídica romana en el ultimo decenio*, Pampelune, 1989, p. 339-354.
- 61.** P. LE ROUX, Histoire militaire et administrative dans "Histoire et Archéologie de la péninsule Ibérique antique" - Chronique IV, *REA*, 91, 3-4, 1989, p. 217-222.

1990

- 62.** P. LE ROUX, L'amphithéâtre et le soldat sous l'Empire Romain, *Spectacula I- Gladiateurs et amphithéâtres*, Lattes, 1990, p. 203-215
- 63.** P. LE ROUX, Les villes de statut municipal en Lusitanie sous l'Empire Romain, *Les villes de Lusitanie romaine* (Table Ronde internationale du CNRS, Talence 8-9 déc. 1988), Paris, 1990, p. 35-49.
- 64.** P. LE ROUX, Conclusions générales, *Ibid.*, p. 313-318.
- 65.** P. LE ROUX, L'Etat augustéen servi par la géographie, *AESC*, 2, 1990, p. 423-432 (note critique).
- 66.** P. LE ROUX, Le phare l'architecte et le soldat: l'inscription rupestre de la Corogne (*CIL*, II, 2559), *Miscellanea Greca e romana*, XV, 1990, p. 133-145.
- 67.** R. ETIENNE et P. LE ROUX, Un siècle de recherches sur l'épigraphie romaine de la péninsule Ibérique, *Actes du colloque international du centenaire de L'Année Epigraphique*, Paris, 1990, p. 101-134.

1991

- 68.** P. LE ROUX, Le juge et le citoyen dans le municpe d'Irni, *Cahiers du Centre Glotz*, II, Paris, 1991, p. 99-124.
- 69.** P. LE ROUX, *Municipium Latinum et municipium Italiae: à propos de la lex Irnitana*, *Epigrafia. Actes du colloque en mémoire de A. Degrassi*, Collection de l'Ecole Française de Rome - 143, 1991, p. 565-582.

70. P. LE ROUX, L'armée romaine dans ses réalités: remarques sur un recueil d'articles de R.W. Davies, *JRA*, 4, 1991, p. 322-326.

1992

71. P. LE ROUX, Cité et culture municipale en Bétique sous Trajan, *Ktèma*, 12, 1987 [1992], p. 271-284.

72. P. LE ROUX, *Domesticus* et poète: le *cursus* versifié d'Abla (Almeria), *Institutions, société et vie politique au IVe et Ve siècle* (Hommage à A. Chastagnol), Rome-Paris, 1992, p. 263-274.

73. P. LE ROUX, L'armée romaine sous les Sévères, *ZPE*, 94, 1992, p. 261-268.

74. P. LE ROUX, L'armée romaine dans la péninsule Ibérique: bilan pour une décennie, *REA*, 94, 1-2, 1992, p. 231-258.

75. P. LE ROUX, *I.O.M. municipalis*: dieux et cités en Occident sous l'Empire, *Religio deorum. Actas del coloquio internacional de Epigrafia "Culto y sociedad en Occidente"*, Sabadell (Barcelona), [1992], p. 405-413.

76. A. TRANOY et P. LE ROUX, As nécropoles de Bracara Augusta. Les inscriptions funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, 6-7, 1989/1990 [1992], p. 187-232.

77. P. LE ROUX, L'Hispanie indigène sous l'Empire, *BSNAF*, 1992, p. 150-151.

78. P. LE ROUX, Deus Aernus: *CIL*, II, 2607 = 5651 reconstitué, *Conimbriga*, 31, 1992, p. 173-180.

1993

79. P. LE ROUX, XVII - La citoyenneté romaine, et XLI -Les provinces occidentales : Hispanie, Gaules et Bretagne, *Sources d'Histoire romaine. Ier siècle av. J.-C.-début du Ve siècle apr. J.-C.* (X. LORiot et C. BADEL éd.), Paris, 1993, p. 307-323 et 751-774.

80. J. ARCE et P. LE ROUX, Présentation du colloque *Cité et communauté civique en Hispanie au IIe-IIIe siècle*, Madrid (CCV 40), 1993, P. 9-12.

81. P. LE ROUX, Peut-on parler de la cité hispano-romaine aux IIe et IIIe siècles ?, *Ibid.*, Madrid, 1993, p. 187-195.

1994

82. P. LE ROUX, L'historien et les généalogies, *La France généalogique*, 42e année, 185, 1994, p. 10-11 (sur 10 colonnes).

- 83.** P. LE ROUX, Vicus et Castellum en Lusitanie sous l'Empire, *Studia Historica. Historia antiqua*, vol. X-XI, 1992-93 (*Actes du Colloque Les campagnes de Lusitanie romaine: occupation du sol et habitat*) [1994], p. 151-160. **83 bis** : rééd. Dans *Les campagnes de Lusitanie romaine*, J.-G. Gorges et M. Salinas de Frías éd., Madrid-Salamanque, 1994 (CCV- 47), p. 151-160.
- 84.** P. LE ROUX, Bracara Augusta ville Latine, *1° Congresso de Arqueologia Peninsular. Actas IV, Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34, 3-4 Porto, 1994, p. 229-241.
- 85.** P. LE ROUX, L'épigraphie des limites: les *termini Augustales* de la péninsule Ibérique, *MCV*, 30, 1994, p. 37-52.
- 86.** P. LE ROUX, L'évolution du culte impérial dans les provinces occidentales d'Auguste à Domitien, Actes du colloque "*Les années Domitien*", Toulouse oct. 1992, *Pallas*, 40., 1994, p. 397-411.
- 87.** P. LE ROUX, La tessère de Montealegre et l'évolution des communautés indigènes d'Auguste à Hadrien, *Klio*, 76, 1994, p. 342-354.
- 88.** P. LE ROUX, La questione municipale nel I secolo d.C.: l'esempio spagnolo, *Epigrafia e territorio, politica e società. Temi di antichità romane*, III, Bari, 1994, p. 159-173.
- 89.** P. LE ROUX, Epigrafia ed evergetismo: la Spagna nel II-III secolo d.C., *Ibid.*, Bari, 1994, p. 175-188.
- 90.** H. KEREBEL et P. LE ROUX, Une dédicace fragmentaire découverte en 1991 à Corseul, *Rev. Archéol. Ouest*, 1994, p. 165-171.
- 91.** P. LE ROUX, Mai 68 en Gaule, *Mélanges Pierre Lévêque 8, Religion, anthropologie et société*, Paris, 1994, p. 259-274.

1995

- 92.** P. LE ROUX, Le ravitaillement des armées romaines sous l'Empire, *Du latifundium au latifondo. Un héritage de Rome, une création médiévale ou moderne ?* (Actes de la Table ronde internationale du CNRS organisée à l'Université Michel de Montaigne-Bordeaux III, les 17-19 décembre 1992), Paris, 1995, p. 395-416.
- 93.** P. LE ROUX, Cultes indigènes et religion romaine en Hispanie sous l'Empire, *L'Afrique, la Gaule, la Religion à l'époque romaine. Mélanges à la mémoire de M. Le Glay* (coll. Latomus), Bruxelles, 1994 [1995], p. 560-567.

94. P. LE ROUX, L'émigration italique en Citérieure et Lusitanie jusqu'à la mort de Néron, *Roma y el nacimiento de la cultura epigráfica en Occidente*, Saragosse, 1995, p. 85-95.

95. P. LE ROUX, L'épigraphie; Histoire militaire et administrative, *Chronique Hispanique 1988-1992*, *REA*, 97, 1995, p. 310-315; 333-339.

1996

96. P. LE ROUX, Droit Latin et municipalisation en Lusitanie sous l'Empire, *Teoría y práctica del ordenamiento municipal en Hispania*, Actas del symposium de Vitoria-Gasteiz (22 a 24 de Noviembre de 1993), Revisión de Historia Antigua II, E. Ortiz de Urbina y J. Santos eds, Vitoria-Gasteiz, 1996, p. 239-253.

97. P. LE ROUX, La question des colonies latines sous l'Empire, *Ktéma*, 17, 1992 [1996], p. 183-200.

98. P. LE ROUX, Las ciudades de la Callaecia romana durante el Alto Imperio, *Gerión*, 14, 1996, p. 363-379.

99. P. LE ROUX et J. L. RAMIREZ SADABA, Nuevas inscripciones funerarias de Mérida, *Anas*, 6, 1993 [1996], p. 85-93.

1997

100. P. LE ROUX, Armées, rhétorique et politique dans l'Empire gallo-romain. À propos de l'inscription d'Augsbourg, *ZPE*, 115, 1997, p. 281-290.

101. P. LE ROUX, Le armate provinciali: il ruolo del soldato, *Hispania romana da terra di conquista a provincia dell'impero*, J. Arce, S. Ensoli, E. La Rocca éd., Milan, Electa, 1997 (Catalogue de l'exposition aussi en version espagnole), p. 127-129.

102. P. LE ROUX, Rome ou l'acculturation permanente, *Crises*, 5, 1995 [1997], p. 125-131.

103. S. GARCÍA MARTÍNEZ, P. LE ROUX, Un nuevo testimonio sobre *Celticum Flavium* en *Asturica Augusta* (Astorga, León), *Conimbriga*, 35, 1996 [1997], p. 59-68.

104. P. LE ROUX, Les cités de l'Empire romain de la mort de Commode au Concile de Nicée, *Pallas*, H.S., 1997, p. 31-55.

1998

105. P. LE ROUX, Armées et promotion urbaine en Hispanie sous l'Empire, *Los orígenes de la ciudad en el noroeste hispánico*, Actas del congreso internacional Lugo 15-18 de Mayo 1996, I, Lugo, 1998, p. 193-208.

106. P. LE ROUX, *Corpus Inscriptionum Latinarum*. II² 14, 1 ; II² 7, *Gnomon*, 70, 1998, p. 516-522.

107. P. LE ROUX, Rome et le droit latin, *RHD*, 76, 3, 1998, p. 315-341.

108. P. LE ROUX, P. CIPRES, Note d'épigraphie hispanique: à propos de *HAEp.* 2523 et *AE*, 1995, 858, *Veleia*, 15, 1998, p. 181-191.

1999

109. P. LE ROUX, Armée et société en Hispanie sous l'Empire, *Kaiser, Heer und Gesellschaft in der Römischen Kaiserzeit*, Stuttgart, 1999 (Habes 31), p. 261-278.

110. P. LE ROUX, Briques et tuiles militaires dans la Péninsule ibérique: problèmes de production et de diffusion, dans *El ladrillo y sus derivados en la época romana* (Manuel Bendala Galán, Christian Rico, Lourdes Roldán Gómez editores científicos), Madrid, 1999, p. 111-123.

111. P. LE ROUX, Le territoire de la colonie Auguste de Mérida: réflexions pour un bilan, dans *Economie et territoire en Lusitanie romaine* (Jean-Gérard Gorges et F. Germán Rodríguez Martín éd.), Madrid (Collection de la Casa de Velázquez volume n° 65), 1999, p. 263-276.

112. P. LE ROUX, Sur les puissances tribuniciennes de Trajan, dans *Traian in Germanien Traian im Reich*, *Saalburg-Schriften* 5, 1999, p. 55-65.

113. P. LE ROUX, *Vectigalia* et revenus des cités en Hispanie au Haut-Empire, *Il capitolo delle entrate nelle finanze municipali in Occidente ed in Oriente*, (Actes de la Xe Rencontre franco-italienne sur l'épigraphie du monde romain, Rome 27-29 mai 1996), Rome, CEFR-256, 1999, p. 155-173.

114. P. LE ROUX, La ville romaine en Hispanie, *Actas da Mesa Redonda Emergência e desenvolvimento das cidades romanas no Norte da península Ibérica*, Porto, p. 233-250.

2000

- 115.** P. LE ROUX, Ejército y sociedad en la *Tarraco* romana, *Butlletí Arqueològic*, época V, 19-20, 1997-1998, p. 83-107 [2000].
- 116.** P. LE ROUX, L'épigraphie; Histoire militaire et administrative, *Chronique Hispanique 1993-1997*, *REA*, 102, 2000, p. 138-141 et 170-174.
- 117.** P. LE ROUX, *AE*, 1988, 788 (*Clunia*, *Hisp. cit.*), et le s.-c. de *Cn. Pisone* *patre*, ll. 55-57, ἘΠΙΓΡΑΦΑΙ. *Miscellanea epigrafica in onore di L. Gasperini*, Macerata, 2000, p. 511-520.
- 118.** P. LE ROUX, Legio VII Gemina (Pia) Felix, *Les légions de Rome sous le Haut-Empire*, Actes du Congrès de Lyon (17-19 septembre 1998), Lyon, 2000, p. 383-396.
- 119.** P. LE ROUX, L'époque romaine, dans *L'art en Espagne et au Portugal*, Citadelles-Mazenod, Paris, 2000, p. 37-55 et sites p. 547, 566, 575-576, 584.

2001

- 120.** P. LE ROUX, L'Urbs, les provinces et l'Empire de César à la mort de Commode. Autour de la notion de capitale, *Rome, les Césars et la Ville aux deux premiers siècles de notre ère* (sous la direction de N. Belayche), Rennes, 2001, p. 231-266.
- 121.** P. LE ROUX, Oriunda Mauretania, *Vbique amici. Mélanges offerts à Jean-Marie Lassère*, Montpellier, 2001, p. 239-248.
- 122.** P. LE ROUX, La «crise» des élites hispano-romaines (IIIe-IVe siècles), *Les élites hispano-romaines sous l'Empire*, Table Ronde Bordeaux 19-21 déc. 1998, Bordeaux, 2001, p.45-61.
- 123.** P. LE ROUX, Le droit latin provincial: un itinéraire d'historien, *Ktèma* (hommage à la mémoire d'A. Chastagnol), 26, 2001, p. 173-178.
- 124.** P. LE ROUX, L'*edictum de Paemeiobrigensibus*: un document fabriqué ?, *Minima Epigraphica et Papirologica*, 6, 2001, p. 331-363.

2002

- 125.** P. LE ROUX, Armées et ordre public dans le monde romain à l'époque impériale, *Armée et maintien de l'ordre*, *CEHD* 2002, p. 17-51.
- 126.** P. LE ROUX, L'*amor patriae* dans les cités sous l'empire romain, *Les idéologies civiques dans le monde romain. Hommage à Claude Lepelley*, 2002, p. 143-161.

127. P. LE ROUX, Penser la cité ou la cité revisitée. Conclusions du colloque *Les idéologies civiques dans le monde romain. Hommage à Claude Lepelley*, 2002, p. 287-294.

128. P. LE ROUX, Soldats et cultes indigènes dans les provinces occidentales sous l'Empire, *Conimbriga*, 41, 2002, p. 105-126.

129. P. LE ROUX, Les métiers du monde romain: approches épigraphiques. Présentation, *Cahiers Glotz*, 13, 2002, p. 197-199.

2003

130. P. LE ROUX, Paul Veyne, dans *Les historiens*, Paris, A. Colin, 2003, p. 301-316.

131. P. LE ROUX, À la recherche des élites locales: le Nord-Ouest hispanique, *Les élites et leurs facettes, Colloque international 24-26 novembre 2000*, Université Blaise Pascal Clermont-Ferrand, Rome-Clermont-Ferrand, 2003, p. 171-186.

132. P. LE ROUX, Les territoires de la péninsule Ibérique aux deux derniers siècles de notre ère, Introduction à la Table ronde *Defensa y territorio en Hispania de los Escipiones a Augusto (espacios urbanos y rurales, municipales y provinciales)*, Coloquio celebrado en la Casa de Velázquez (19 y 20 de marzo 2001), Actas reunidas por Ángel Morillo, François Cadiou y David Hourcade (coords), León-Madrid, 2003, p. 13-22.

133. P. LE ROUX, Conclusions: Épigraphie et Histoire, dans *Epigrafia y sociedad en Hispania durante el Alto Imperio: estructuras y relaciones sociales*, S. Armani, B. Hurlet-Martineau, A. U. Stylow éds, Madrid-Alcalá de Henares (10-11 avril 2000), Madrid, 2003, p. 269-275.

2004

134. P. LE ROUX, La romanisation en question, *AHSS*, 59, mars-avril 2004, p. 287-311.

135. P. LE ROUX, H.-I. Marrou et l'État romain, dans *Que reste-t-il de l'éducation classique ? Relire « Le Marrou » histoire de l'éducation dans l'Antiquité*, Actes du colloque international 17-20/11/1999, PUM-Toulouse, 2004, p. 121-128.

136. P. LE ROUX, L'armée de la péninsule Ibérique de Dioclétien à Valentinien I (284-375 p. C.), dans *L'armée romaine de Dioclétien à Valentinien Ier, Actes*

du troisième congrès sur l'Armée romaine (Lyon, 12-14 septembre 2002), p. 171-178.

137. P. LE ROUX, Conclusions, *L'armée romaine de Dioclétien à Valentinien Ier, Actes du troisième congrès sur l'Armée romaine* (Lyon, 12-14 septembre 2002), p. 533-537.

138. P. LE ROUX, La question des conventus dans la péninsule Ibérique d'époque romaine, *Au jardin des Hespérides. Histoire, société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Alain Tranoy*, Rennes, PUR, 2004, p. 337-356.

139. E. CERILLO, P. LE ROUX, J. L. RAMIREZ SADABA, Un pretoriano hallado en Cáceres, *Au jardin des Hespérides. Histoire, société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Alain Tranoy*, Rennes, PUR, 2004, p. 157-166.

140. P. LE ROUX, Alain Tranoy, *Au jardin des Hespérides. Histoire, société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Alain Tranoy*, Rennes, PUR, 2004, 17-22.

2005

141. P. LE ROUX, Mérida capitale de la province de la Lusitanie, *V Mesa redonda internacional sobre Lusitania Romana: las comunicaciones*, Cáceres, 7-9 nov. 2002, Mérida, 2004 [2005], p. 17-31.

142. P. LE ROUX, Armées et contrôle des territoires en Aquitaine et en péninsule Ibérique occidentale sous les Julio-Claudiens, *L'Aquitaine et l'Hispanie septentrionale à l'époque julio-claudienne. Organisation et exploitation des espaces provinciaux*, Colloque Aquitania, Saintes 11-13 septembre 2003, Bordeaux, 2005, p. 51-64.

143. P. LE ROUX, Mars dans la péninsule Ibérique au Haut-Empire romain, *Colloque Mars Mullo* (Le Mans, 4-6 juin 2003), Rennes, PUR, 2005 [2006], p. 93-102.

144. Conclusions, *Colloque Mars Mullo* (Le Mans, 4-6 juin 2003), Rennes, PUR, 2005 [2006], p. 353-356.

145. P. LE ROUX, Contribution à la chronique quinquennale collective Péninsule Ibérique REA 1998-2002 : épigraphie ; histoire militaire et histoire administrative, *REA*, 107, 2005, p. 230-234, p. 277 et p. 285-293.

146. P. LE ROUX, Peregrini incolae, *ZPE*, 154, 2005, p. 261-266.

2006

- 147.** P. LE ROUX, Les dévotions des gouverneurs de la péninsule Ibérique au Haut-Empire romain, dans *Pouvoir et religion dans le monde romain en hommage à Jean-Pierre Martin*, Paris, Presses de la Sorbonne, 2006, p. 367-385.
- 148.** P. LE ROUX, H.-G. Pflaum, l'armée romaine et l'empire, dans *H.-G. Pflaum, un historien du XXe siècle*, Paris, EPHE, 2006, p. 157-187.
- 149.** P. LE ROUX, L'invention de la province d'Espagne citérieure de 197 a. C. à Agrippa, Actes de la Table ronde « *La invención de una geografía de la Península ibérica. I. La época republicana* », G. Andreotti, P. Le Roux, P. Moret eds, Madrid, Casa de Velázquez, 3-4 de marzo de 2005, Malaga, 2006, p. 89-101.
- 150.** P. LE ROUX, Conclusions, dans Michel Molin dir., *Les régulations sociales dans l'Antiquité*, Actes du colloque d'Angers, 23 et 24 mai 2003, p. 403-408.
- 151.** P. LE ROUX, Rome et le monde celtique à la veille de la conquête césarienne, *Celtes et Gaulois, l'archéologie face à l'histoire. La romanisation et la question de l'héritage celtique*. Actes de la Table Ronde Lausanne 17 et 18 juin 2005, sous la direction de Daniel Paunier, Bibracte, 2006 (Collection Bibracte – 12/5), p. 17-28.
- 152.** P. LE ROUX, Roman Military Epigraphy, *The Roman Army in Hispania*, Ángel Morillo et Joaquín Aurrecoechea (eds) [publication préliminaire au XXe congrès sur le Limes], León, août 2006. Morillo et Joaquín Aurrecoechea (eds) [publication préliminaire au XXe congrès sur le Limes], León, août 2006, p. 451-471.

2007

- 153.** P. LE ROUX, Géographie péninsulaire et épigraphie romaine, Actes de la Table ronde « *La invención de una geografía de la Península ibérica. II. La época imperial* », G. Andreotti, P. Le Roux, P. Moret eds, Madrid, Casa de Velázquez, 3-4 de abril de 2006, Malaga, 2007, p. 197-219.
- 154.** P. LE ROUX, Las inscripciones militares, *El ejército romano en Hispania. Guía arqueológica*, Ángel Morillo ed., León, 2007, p. 481-501.
- 155.** P. LE ROUX, *Statio lucensis, Hommage à Bernard Rémy*, Grenoble, 2007, p. 371-382.

2008

156. P. LE ROUX, L'Empire gréco-romain de Paul Veyne ou le retour à l'histoire des civilisations, *RH*, 645, janvier 2008, p. 85-97.

157. P. LE ROUX, Hapax ou question d'épigraphie locale? *Municipalis à Aquae Flaviae* (*AE*, 1973, 305), *Conimbriga*, 47, 2008, p. 81-94.

158. P. LE ROUX, Les sénateurs originaires d'Espagne citérieure (2): un bilan 1982-2006, Rome, 2008, p. 67-92.

159. P. LE ROUX, Dans les centres monumentaux des cités de la péninsule Ibérique au Haut-Empire: à propos de statues, dans *Le quotidien institutionnel des cités*, Clermont-Ferrand, 19-21 octobre 2007, Clermont-Ferrand, 2008, p. 569-594.

A paraître:

160. P. LE ROUX, Soldados hispanorromanos en el ejército imperial, dans *Hispania Provincia*, Tudela, 2008 (sous presse).

161. P. LE ROUX, Ciudades y ciudadanos en las áreas circumpirenaicas bajo el alto imperio romano, Vitoria, 2008 (accepté en 2006).

162. Ch. BADEL, P. LE ROUX, Tables de patronat et tessères d'hospitalité dans l'espace domestique, dans *L'écriture dans l'espace domestique dans l'Antiquité hellénistique et romaine*, Paris 11-13 mars 2004 (sous presse).

163. P. LE ROUX, Le regard augustéen sur la péninsule Ibérique et la Gaule: étude comparée, Table ronde, Paris, 15-16 novembre 2007 (sous presse).

164. P. LE ROUX, L'empereur romain et la chasse, Actes du colloque *La chasse dans l'Antiquité*, Rennes, 21-22 septembre 2007 (sous presse).

165. P. LE ROUX, J. L. Ramírez Sádaba, Un nuevo testimonio del *Ala Miliaria de Mauretania caesariensis* en *Emerita Augusta* de Lusitania, *Homenaje a A. U. Stylow*, Madrid, 2008 (sous presse).

166. P. LE ROUX, J. L. Ramírez Sádaba, Nouvelle épitaphe d'un légionnaire à Mérida, *Homenaje a Luis García Iglesias*, Madrid, 2008, (sous presse).

167. P. LE ROUX, Cultos y religión en el noroeste de la península ibérica en el alto imperio: nuevas perspectivas, *Veleia*, 26, 2009 (sous presse).

168. P. LE ROUX, Les colonies et l'institution de la province romaine de Lusitanie, *Actes de la table ronde sur la Lusitanie romaine*, Toulouse, 2007 (sous presse).

169. P. LE ROUX, *Conclusions, Actes de la table ronde sur la Lusitanie romaine*, Toulouse, 2007 (sous presse).

170. P. LE ROUX, *Conclusions, Actes de la table ronde sur Les politiques du pardon*, Paris 13, 7 décembre 2007, (en préparation).

171. P. LE ROUX, *Inscriptions romaines de Belo 1988-2008*, MCV, 39, 2009 (sous presse).

III - COMPTES RENDUS et Préfaces:

1. H. Galsterer, *Untersuchungen zum römischen Städtewesen auf der iberischen Halbinsel*, REA, 74, 1972, p. 410-413.

2. E. Gabba, *Per la storia dell'esercito romano in età imperiale*, REA, 77, 1975, p. 385-386.

3. K. Kraft, *Gesammelte Aufsätze zur antiken Geschichte und Militärgeschichte*, REA, 77, 1975.

4. G. Alföldy, *Flamines Provinciae Hispaniae Citerioris*, BJ, 177, 1977, p. 779-781.

5. H. von Petrikovits, *Die Innenbauten römischer Legionslager während der Prinzipatszeit* (Abhandlungen der rheinisch-westfälischen Akademie der Wissenschaften), REA, 78-79, 1976-1977, p. 332-334.

6. J. Guitart Durán, *Baetulo. Topografía, urbanismo e historia*, *Revue archéologique*, 1978, p. 353-354.

7. M.-P. Speidel, *The religion of Iuppiter Dolichenus in the roman army*, REA, 82, 1980.

8. M. Mirkovic et S. Dusanic, *Inscriptions de Mésie supérieure : Singidunum et le nord-ouest de la province*, REA, 82, 1980, p. 374-375.

9. M. Christol, c. r. de la soutenance de thèse sur *L'État romain et la crise de l'Empire sous le règne des empereurs Valérien et Gallien*, *Revue historique*, 544, 1982, p. 553-558.

10. H.-G. Pflaum, *Les carrières procuratoriennes équestres sous le Haut-Empire romain. Supplément*, *Latomus*, 43, 1984, p. 491-492.

11. I. Richmond, *Trajan's Army on Trajan's Column*, AESC, 5, 1985, p. 1220-1221.

12. L. Keppie, *Colonisation and Veteran Settlement in Italy 47-14 BC*, *Latomus*, 45, 1986, p. 896-898.

13. J. C. Mann, *Legionary recruitment and Veteran Settlement during the Principate*, *Latomus*, 45, 1986, p. 896-898.
14. J. C. Bermejo, *Mitología y mitos de la Hispania prerromana*, *AESC*, 2, 1987, p. 315-317.
15. W. Harris éd., *The imperialism of mid-republican Rome*, (Papers and Monographs of the American Academy in Rome 29), *AESC*, 2, 1987, p. 328-329.
16. J. Fitz, *Honorific titles of roman military units in the 3rd century*, *Latomus*, 47, 1988, p. 183-184.
17. Ph. Leveau, *Caesarea de Maurétanie. Une ville romaine et ses campagnes*, *REA*, 92, 1990, p. 438-439.
18. Y. Le Bohec, *L'armée romaine au Haut-Empire*, *AESC*, 4, 1990, p. 891-893.
19. A. M. Adam et A. Rouveret (textes réunis et présentés par), *Guerre et sociétés en Italie aux Ve et IVe siècles. Les indices fournis par l'armement et les techniques de combat*, *AESC*, 4, 1990, p. 895-896.
20. C. Franzoni, *Habitus atque habitudo militis*, *Latomus*, 49, 1990, p. 894-896.
21. J. Alarcão, *Roman Portugal*, I et II, *REL*, 68, 1990.
22. E. Cizek, *Mentalités et institutions politiques romaines*, *AESC*, 2, 1992, p. 412-413.
23. *L'Afrique dans l'Occident romain (Ier siècle av. J.-C.-IVe siècle ap. J.-C.)*, Actes du colloque de l'EFR sous le patronage de l'INAATunis, Rome, 3-5 décembre 1987, *AESC*, 2, 1992, p. 432-433.
24. J. Rich et G. Shipley éd., *War and society in the roman world*, *Latomus*, 55, 1995, p. 705-707.
25. D. Breeze, B. Dobson, *Roman officers and frontiers*, *Latomus*, 55, 1995, p.
26. M. Speidel, *Die Denkmäler der Kaiserreiter. Equites singulares Augusti*, *Latomus*, 56, 1997, p. 889-893.
27. A. T. Fear, *Rome and Baetica. Urbanization in Roman Spain*, *JRS*, 1997, p. 295-296.
28. J. Richardson, *The Romans in Spain*, *JRS*, 87, 1997, p. 296.
29. *Corpus Inscriptionum Latinarum*. II², 14, 1 et II², 7, *Gnomon*, 70, 1998, p. 516-522.
30. S. P. Mattern, *Rome and the Enemy. Imperial Strategy in the Principate*, *Latomus*, 60, 2001, p. 494-496.

31. R. Haensch, *Capita provinciarum. Statthaltersitze und Provinzialverwaltung in der römischen Kaiserzeit*, *Gnomon*, 74, 2002, p. 83-86.
32. *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Il² 5, *Gnomon*, 74, 2002, p. 424-428.
33. M^a J. Moreno Pablos, *La religión del ejército romano: Hispania en los siglos I-III*, *Latomus*, 64, 2005, p. 792-794 .
34. Michael Kulikowski, *Late Roman Spain and its Cities*, Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 2004, *Mediterranean Historical Review* (Tel Aviv), 2005, p. 247-251.
35. Evan W. Haley, *Baetica Felix. People and prosperity in southern Spain from Caesar to Septimius Severus*, Austin, University of Texas Press, 2003, *Phoenix*, 59, 2005, 410-412.
36. M. Reddé et S. Von Schnurbein dir., *Alésia. Fouilles et recherches franco-allemandes sur les travaux militaires romains autour du Mont-Auxois (1991-1997)*, Paris 2001, *REL*, 84, 2006, p. 460-461.
37. *Storia di Cremona. L'Età Antica*, a cura di Pierluigi Tozzi. Testi di Angelo Maria Ardovino, Ermanno A. Arslan, Giovanni Braga, Rita Lizzi Testa, Claudia Maccabruni, Claudia Meisina, Lynn Passi Pitcher, Mark Pearce, Luisa Pellegrini, Rita Scuderi, Pierluigi Tozzi, Domenico Vera, Comune di Cremona, Bolis Edizioni srl, Azzano San Paolo (BG), 2003, XVIII +449 p., *Geographia Antiqua*, 14-15, 2005-2006 [2007], p. 118-119.
38. Maureen Carroll, *Spirits of the Dead. Roman Funerary Commemoration in Western Europe*, Oxford Studies in Ancient Documents, Oxford University Press, 2006, 331 p.; 80 fig. + 3 cartes, *Revue Archéologique*, 2008, 1, p. 148-149.
39. Estrabón, *Geografía de Iberia*, traducción de Javier Gómez Espelosín. Presentaciones, notas y comentarios de Gonzalo Cruz Andreotti, Marco V. García Quintela y Javier Gómez Espelosín, Madrid, Alianza Editorial, 2007 (Clásicos de Grecia y Roma), *Conimbriga*, 47, 2008, p. 191-193.
40. Greg Woolf (éditeur), *Cambridge Illustrated History of the Roman World*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003, *AHSS* 2008 ? (remis en 2004 à paraître en 2009).

Préfaces à:

1. J. Nelis-Clément, *Les beneficiarii: militaires et administrateurs au service de l'empire (Ier s. a. C.- VIe s. p. C.)*, Bordeaux, 2000 (Ausonius-Études), p. 9.
2. W. van Andringa, *La religion en Gaule romaine. Piété et politique (Ier s.-IIIe s. apr. J.-C.)*, Paris, 2002, p. 7-8.
3. Y. Maligorne, *L'architecture romaine dans l'ouest de la Gaule*, Rennes, 2006 (PUR), p. 11-12.
4. F. Cadiou, *Hibera miles in terra. L'armée romaine dans la péninsule Ibérique à l'époque républicaine*, Madrid, 2008 (Bibliothèque de la Casa de Velázquez-38), p. IX-XI.
5. J. R. Aja Sánchez, M. Cisneros Cunchillos, J. L. Ramírez Sádabacoord., *Los Cántabros en la Antigüedad. La Historia frente al Mito*, UC, 2008, p. 13-14.



O Professor Doutor Rui Centeno proferindo o elogio ao doutorando Alain Tranoy

**Elogio do Prof. Doutor Alain Tranoy
pelo Prof. Doutor Rui Manuel Sobral Centeno**

Exmo. Senhor Reitor da Universidade do Porto
Exmos. Senhores Vice-Reitores e Pro-Reitores
Exma. Senhora Diretora da Faculdade de Letras
Ilustres Autoridades
Caros Colegas, Estudantes e Funcionários
Prezados Doutorandos e Padrinhos
Minhas Senhoras e Meus Senhores,

Ao longo dos seus cem anos de existência, a Universidade do Porto tem sabido distinguir e homenagear com a outorga do grau de Doutor “Honoris Causa” diversas personalidades, nacionais e estrangeiras, que se distinguiram pelo seu labor em prol da Ciência e da Cultura.

Por esta razão, temos assistido neste Salão Nobre da Reitoria da Universidade, com uma particular frequência desde o 25 de Abril de 1974, a cerimónias de imposição das insígnias doutorais como a que hoje aqui nos congrega em homenagem aos Professores Doutores Alain Tranoy e Patrick Le Roux, que saúdo de forma muito especial.

Mas a realização destes atos académicos, que reforçam a coesão entre todos os que contribuem para o sucesso da nossa Universidade, também serve para projetar a Universidade do Porto, no País e no estrangeiro, como uma instituição que valoriza a excelência na investigação científica e na criação cultural e artística, bem como a formação humanística e a intervenção cívica.

O Conselho Científico da Faculdade de Letras incumbiu-me uma difícil missão de apresentação do Professor Doutor Alain Tranoy, tarefa obrigatória neste ato solene de outorga das insígnias de Doutor Honoris Causa.

Refiro esta missão como difícil, não pela existência de qualquer aspeto de especial complexidade, relacionado com o *curriculum vitae* do Professor Tranoy. Simplesmente, é meu receio que, estando perante uma personalidade com um percurso profissional tão rico e uma vasta produção científica de grande qualidade, não tenha a capacidade e/ou a habilidade para mostrar a esta distinta assembleia, nos poucos minutos que me foram concedidos, da

admiração e do respeito que Alain Tranoy tem merecido no seio comunidade científica internacional e também da excelência da sua obra.

Devo confessar que, tendo conhecido Alain Tranoy, e também Patrick Le Roux, ainda nos meus tempos de estudante da Faculdade de Letras, pela mão do saudoso Professor Carlos Alberto Ferreira de Almeida, nunca mantivemos quaisquer contatos regulares, apesar de me considerar um razoável conhecedor da sua obra científica. De qualquer forma, cumpre-me declarar que muito me honra, a minha designação pelos órgãos competentes da Faculdade de Letras para desempenhar esta tarefa de tão grande responsabilidade.

Nascido em Toul, no nordeste de França, em 1939, Alain Tranoy inicia a sua carreira de docente universitário, aos vinte e oito anos, como assistente de História Antiga na, então, Faculdade de Letras de Poitiers.

Em 1971, é aprovado nas provas para a obtenção do grau de “doutor de 3º ciclo”, na Universidade de Bordéus, com a apresentação da edição, tradução e comentário da **Crónica** de Idácio, bispo de Chaves.

A análise aprofundada desta obra, fonte literária de grande relevância para o conhecimento do noroeste hispânico entre os finais do século IV uma boa parte do século V, e a sua ligação à Universidade de Bordéus, onde pontificava o Professor Robert Étienne — fundou o **Centre Pierre Paris**, instituição que desenvolvia e apoiava diversos projetos científicos na Península ibérica—, (estes factos) terão sido certamente determinantes para, então, o Professor Alain Tranoy direcionar de forma privilegiada os seus trabalhos de investigação para o estudo da História Antiga peninsular.

Foi com a realização deste trabalho sobre a Crónica do bispo flaviense, que Alain Tranoy se interessou pelos diferentes aspetos das relações entre as regiões a norte do rio Douro e o Mundo Romano. Para o Professor Tranoy “a riqueza do meio indígena das regiões do norte de Portugal [e da Galiza] permitia abordar em diversos ângulos a penetração de Roma nas mentalidades e na organização dos territórios”. Mas Alain Tranoy também percebeu que a escassez de testemunhos escritos da época clássica sobre a história do noroeste peninsular recomendava a utilização sistemática de outras fontes, nomeadamente as arqueológicas, numismáticas e epigráficas.

Durante a década de setenta do século passado, o Professor Tranoy, muitas vezes em companhia do Professor Patrick Le Roux, inicia um período de

deslocações frequentes ao norte de Portugal e à Galiza, onde percorreu o território, com a ajuda de diversos colegas portugueses e galegos, para registo e estudo de nova documentação, com destaque para as inscrições romanas. Alguns dos resultados destas pesquisas originaram um notável conjunto de artigos científicos (uns em colaboração com outros autores e, em particular, com Patrick Le Roux), publicados entre 1973 e 1979, que, pelo rigor e finura na análise dos vários documentos estudados e pela erudição revelada pelo(s) autor(es), irão influenciar alguns dos jovens investigadores que então iniciavam a suas carreiras nesta região do noroeste.

O intenso e profícuo labor empreendido durante estes anos culminou com a conclusão da dissertação de doutoramento que, em 1979, Alain Tranoy submeteu também à Universidade de Bordéus para a obtenção do grau de “Docteur d’État”, intitulada ***La Galice Romaine*** e orientada pelo professor Robert Étienne. A divulgação desta obra, sobretudo após a sua publicação em 1981, marca a consagração científica do Professor Tranoy, considerado desde então como uma das autoridades no domínio da História Antiga da Península Ibérica e, particularmente, sobre a romanização do noroeste hispânico.

O êxito do seu doutoramento em Bordéus proporcionou, em 1981, a passagem à categoria de Professor de História Antiga e de Arqueologia na instituição onde havia iniciado a sua carreira docente em 1967— a **Faculdade de Ciências Humanas de Poitiers**. É então que inicia um período de intensa produção científica, de participação em congressos internacionais, a par do desempenho de algumas funções de gestão universitária e de coordenação de grupos de investigação, como a Direção do seu Departamento de História, entre 1979 e 1984, e a coordenação da unidade de investigação da sua faculdade, em 1986. No decurso da década de oitenta do século XX, publicou mais de quatro dezenas de títulos, entre os quais se contam alguns livros, artigos nas principais revistas científicas internacionais e comunicações em congressos.

O prestígio internacional alcançado pelo Professor Alain Tranoy e a elevada competência e dedicação com que exerceu todas as funções que lhe foram confiadas pela sua faculdade, para além das suas qualidades humanas, foram aspetos decisivos para uma importante alteração no seu percurso profissional nos inícios dos anos noventa.

Por esta altura e fruto da sua imensa atividade, Alain Tranoy granjeou uma grande notoriedade, admiração e respeito na sua universidade, aspetos que, inegavelmente, contribuíram para a sua eleição como **Presidente da Universidade de Poitiers** em 1993, cargo que ocupou até 1998.

Como seria de esperar, a assunção destas novas funções, de tão grande exigência e responsabilidade, não permitiram ao Professor Tranoy prosseguir com o ritmo de produção científica evidenciada em anos anteriores, apesar de, sempre que lhe foi possível, ter participado em encontros internacionais da especialidade.

Como também quase sempre acontece às personalidades que desempenham elevados cargos, o então Presidente da Universidade de Poitiers foi alvo de múltiplas solicitações para ocupar outras funções por parte da comunidade académica e da sociedade civil, com destaque para a **vice-presidência do Conselho Económico e Social da região de Poitou-Charentes**, entre 1993 e 2001.

Em 1998, com o final do mandato à frente dos destinos da sua universidade, Alain Tranoy retomou, de novo e com vigor, as suas atividades de investigação, tendo publicado em 2003, entre outros trabalhos, o livro: **Atlas antroponímico de la Lusitania romana**, em colaboração com alguns colegas espanhóis.

Foi precisamente neste ano de 2003 que se aposentou das suas funções de docente universitário, mas prosseguiu com os seus trabalhos de investigação científica, de quem ainda muito se espera, sendo certo que os seus contributos continuarão a ser fundamentais para um mais rigoroso e profundo conhecimento da Hispânia Romana.

No ano seguinte, em 2004, surgiu a homenagem que os seus pares, amigos e discípulos, de diversas nacionalidades, lhe quiseram prestar: um livro preparado sob a direção de Claudine Auliard e Lydie Boiou, intitulado: **Au jardin des Hespérides: Histoire, société et épigraphie des mondes anciens. Mélanges offerts à Alain Tranoy**, publicado pela Presses Universitaires de Rennes.

A qualidade e a diversidade dos estudos apresentados neste volume de homenagem, elaborados em exclusivo para este efeito, são bem elucidativos do reconhecimento do mérito científico da obra do Professor Tranoy.

Tratando-se de uma personalidade de tamanha craveira científica e com um percurso profissional e cívico de grande relevância, Alain Tranoy foi agraciado com as seguintes distinções honoríficas, em reconhecimento dos altos serviços prestados ao seu País:

Oficial da Ordem das Palmas Académicas (1999)

Oficial da Ordem Nacional de Mérito (2003)

Cavaleiro da Ordem da Legião de Honra (2005).

Exmo. Senhor Reitor,

Procurei mostrar nesta intervenção, de uma forma extremamente célere, alguns dos momentos mais significativos do trajeto profissional e da invulgar obra científica do Professor Alain Tranoy que, como atrás referi, distinguiu com os seus estudos, de uma forma particular, esta finisterra da Europa - o nosso noroeste-, aspetos que, *de per si*, justificam plenamente a atribuição do “Doutoramento Honoris Causa” ao nosso homenageado. Tal decisão honra a própria Universidade Porto e contribuirá para o engrandecimento da longa galeria de ilustres doutores “honoris causa” perpetuamente unidos a esta já centenária instituição e que são parte integrante da sua História.

Assim, termino solicitando que seja conferido o grau de “Doutor Honoris Causa” pela Universidade do Porto, através da Faculdade de Letras, ao Professor Doutor Alain Tranoy que hoje aqui se apresenta para receber as insígnias doutorais, devidamente acompanhado pelo seu padrinho, o Professor Doutor José d’Encarnação, prestigiado Historiador e Epigrafista, Catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para, de seguida, poder tomar o lugar que tem por direito no claustro dos doutores da nossa Universidade.

Disse.

Porto, 10 de Outubro de 2011

Rui Manuel Sobral Centeno

Discurso de agradecimento pronunciado pelo

Prof. Doutor Alain Tranoy

Senhor Reitor da Universidade do Porto, senhores vice-reitores e pró-reitores, senhora directora da Faculdade de Letras, senhoras e senhores eminentes professores, senhoras e senhores estudantes, caros amigos,

Sinto muito a honra que me é feita ao receber o grau de doutor honoris causa por parte da vossa ilustre Universidade e agradeço muito particularmente ao professor Rui Centeno as palavras que usou para o meu elogio e que julgo não merecer, longe disso.

Quando cheguei ao Porto em mil novecentos e setenta e dois, não podia imaginar que me encontraria nestas circunstâncias, nesta cidade, em Portumcale, como lhe chama o bispo de Chaves, Hydacio, que foi o meu primeiro iniciador do norte de Portugal. Também não podia adivinhar em que condições iria fazer as minhas pesquisas, várias vezes na companhia do meu colega e amigo Patrick; é com muito prazer que nos vejo hoje associados nesta cerimónia.

Gostava de poder prosseguir em português, mas receio muito alterar uma língua tão bela. Peço portanto desculpa pelas palavras que vos dirijo agora em francês.

Les premiers contacts furent immédiatement marqués par la chaleur del'accueil, par les liens d'amitié qui s'établirent avec mes collègues portugais. Avant tout, je voudrais saluer ici la mémoire du professeur Carlos Alberto Ferreira de Almeida ; il fut l'un des premiers à m'ouvrir les pistes épigraphiques du Minho et du nord du Portugal; je pense en particulier à la mémorable expédition qui me conduisit aussi avec Patrick, par la route alors difficile d'Amarante et de Vilareal et par les redoutables virages de Murça, vers le Trás-os-Montes et Miranda do Douro. Là, le padre Mourinho, de Duas Igrejas, lui aussi hélas disparu, grand spécialiste ethnologue de cette belle et rude région du Nord-Est, nous ouvrit sa remarquable collection d'inscriptions qu'il avait recueillie dans cette région et entreposée dans un dépôt glacé ! : ce fut là ma première réelle expérience épigraphique. C'est aussi tout un secteur géographique que connaît parfaitement notre collègue le professeur Sende

Lemos --qui a si bien accueilli ma fille Laurence en 2006 qui me représentait lors d'une rencontre sur les voies romaines, rencontre à laquelle je n'avais pas pu assister pour raisons de santé. Comment ne pas évoquer mes premiers contacts à Sanfins avec le professeur Armando Coelho Ferreira da Silva qui est, je le crois, responsable de cette cérémonie d'aujourd'hui. Qu'il soit très profondément remercié de ce très grand témoignage d'amitié. Nous avons aussi parcouru avec lui et son épouse, dont je remercie la présence, les routes de cette région, toujours à la recherche de nouvelles inscriptions. Je souhaite faire une place particulière à notre très cher ami José Joao Rigaud de Sousa et à sa famille qui hélas ne peuvent être présents aujourd'hui. Ils nous ont largement ouvert leur maison de Porto qui devint notre véritable camp de base pour l'étude des inscriptions des nombreux et riches musées de la ville de Porto et des sites de la région du Minho. Son aide fut précieuse pour trouver dans les petites églises ou chez des propriétaires particuliers des autels ou des stèles antiques. Mais ce fut aussi José João, grand spécialiste en la matière, qui m'a initié à la connaissance et à la dégustation du vin de Porto, lors de mémorables soirées autour de bouteilles anonymes, mais au goût et au parfum inoubliables. Patrick et moi formions un auditoire attentif et étions des élèves dociles! Il nous a convaincu, sans peine je dois le dire, à ce nectar indispensable pour bien interpréter les inscriptions romaines.

La liste de tous ceux qui m'ont aidé serait très longue : les professeurs Manuela Delgado, Manuela Martins, Sande Lemos sans oublier le professeur Alarcão et notre ami galicien Fernando Acuña et bien d'autres encore. Tous ces témoignages d'amitié sont un bon exemple du sens de l'accueil et de la bonne collaboration de nos collègues pour notre recherche.

Enfin, j'ai été très ému par la présence et par les paroles de mon très cher ami, le professeur José d'Encarnação. Je suis très honoré de l'amitié de ce grand épigraphiste et historien portugais Nos liens sont en effet particulièrement forts. Nous sommes réellement collègues par le titre de docteur honoris causa, toi, José, de Poitiers et moi de Porto et en plus maintenant me voila devenu par le fait de ce parrainage ton filleul alors que tu es aussi le mien!!!!. Ce croisement de parrain et de filleul est une belle illustration de ce que peut être la communauté universitaire au sein de l'Europe !

Ma recherche personnelle a été facilitée par tout ce réseau amical de Porto et de Braga et c'était indispensable pour découvrir toute la richesse de la documentation des régions au nord du Douro. Je crois qu'avec Patrick, nous avons parcouru presque toutes les routes de cette région, à une époque où le réseau routier n'était pas ce qu'il est aujourd'hui. Mais quelle beauté des paysages que nous traversions, depuis les vignobles du Minho et du Douro jusqu'aux arides plateaux du Trás-os-Montes. Comment ne pas évoquer ici les éblouissants couchers de soleil à Foz do Douro et sur le littoral, qui firent si peur aux soldats romains qui y voyaient le soleil avalé par la mer, spectacle qu'on ne pouvait contempler, comme le soulignent les sources antiques, « *sans craindre d'avoir commis un sacrilège et sans une religieuse horreur* ».

Quelle authenticité et quelle qualité de vie dans tous les villages que nous avons découverts. Ce fut aussi l'occasion de nombreuses et étonnantes rencontres, comme cette vieille femme qui nous a ouvert l'église de Curral de Vacas, petit village dans la montagne près de Chaves. Elle nous conduisit à une inscription qu'elle désignait comme venant « *do princípio do mundo* », belle expression pour une ancienne divinité portugaise. Ou encore cet émigré brésilien de retour dans son village qui m'ouvrit l'église de Gostei près de Bragança. Il y avait été baptisé et comme dans le mur existait une inscription dédiée à l'empereur Claude, avec la formule Claudio, ses parents lui donnèrent le prénom de Claudio ! Quel bel exemple de la transmission d'un héritage culturel ! Si j'évoque souvent des églises, c'est qu'elles sont la plupart du temps des lieux de conservation des pierres antiques gardées dans les murs en réemploi, utilisées comme bénitiers ou encore comme support d'autels : à ce propos le concile de Vatican II, en demandant que, pour le culte, les autels soient désormais face aux fidèles a rendu, sans le savoir, un grand service aux épigraphistes !

Le nord du Portugal offre en effet à l'historien de l'Antiquité un terrain de recherche inépuisable. Regroupés autour des Castros ou des Citania comme Sanfins ou Briteiros, sites qui constituent une forme de proto-urbanisation et thème central des recherches de notre ami Armando, les habitants de cette région ont développé une civilisation originale dans le contexte d'une société organisée avec ses propres structures politiques, sociales et religieuses. Même si la documentation est souvent trop lacunaire pour saisir tous les aspects de

cette « civilisation des castros » comme il est habituel de désigner cette période pré-romaine, les travaux les plus récents en démontrent l'importance et la vitalité que ne purent effacer les nouvelles contraintes de la période romaine. Sur ce dernier point, l'histoire de cette région participe à un véritable débat historique autour du terme tant discuté de « romanisation », illustré en particulier par Patrick dans ses articles récents et brillants. Il s'agit bien de l'interprétation et de la signification de l'influence et de l'interaction entre le milieu indigène et le monde romain. La notion de romanisation renvoie au constat d'une transformation lente, de formes variées, des sociétés indigènes, confrontées à des nouvelles structures spatiales dans une région où les castros, constituaient l'habitat caractéristique. Dans cette région appartenant au *Conventus Bracarum*, l'impact de la conquête romaine fut d'abord accompagné du développement urbain avec la création de nouvelles cités comme *Aquae Flaviae*, nom antique de Chaves et surtout comme *Bracara Augusta* que nous connaissons mieux grâce aux fouilles réalisées par le professeur Manuela Martins et l'Unité Archéologique de cette ville. La conquête favorisa aussi la création d'un réseau routier au cœur duquel se trouve la ville de Porto relié à Lisbonne et passage obligé du Douro. On peut aussi en mesurer l'importance par la route qui conduit le voyageur de Porto à Astorga en passant par Braga, route dont les traces sont encore étonnamment visibles dans la Serra De Gerez et à Portela do Homen. L'étude de la religion est certainement le domaine le plus évident par l'importance et la richesse de la documentation mais aussi le plus complexe étant donné les difficultés de son interprétation ; Jose d'Encarnação en sait quelque chose !. L'étonnant sanctuaire de Panóias avec ses bassins, ses rochers et ses inscriptions est un bon exemple des problèmes posés par des cultes indigènes, mêlés aux cultes orientaux importés et récupérés par le pouvoir romain ou encore au pied de la belle Serra de Larouco, ce petit sanctuaire rural consacré au dieu *Laroucus*, qui établit le lien entre les populations indigènes locales et leur environnement géographique ; belle illustration aussi de l'attachement des habitants du nord du Douro à leurs terres, à leurs racines, comme c'est encore le cas aujourd'hui. La conquête créa aussi de nouveaux circuits économiques, des nouvelles contraintes monétaires, sujet que connaît bien le professeur Rui Centeno.

J'espère, en toute modestie que nous avons contribué, Patrick et moi, à une meilleure compréhension de cette évolution, dans des recherches qui sont loin d'être achevées. Mais quelles que soient les interprétations qui peuvent être faites à partir d'une documentation exceptionnelle et toujours renouvelée par d'autres découvertes, il se dégage l'image d'une région au nord du Douro marquée par son originalité, sa propre identité, son homogénéité économique et sociale et qui a su conserver sa personnalité face à la culture romaine et aux apports extérieurs à toutes les époques. N'est-ce pas ce qui caractérisent encore aujourd'hui le nord du Portugal et la ville de Porto, pôle essentiel dans le développement de ce pays, où l'Université de Porto trouve toute sa place et para a qual desejamos um excelente futuro

Muito obrigado pela vossa atenção



A Professora Doutora Teresa Soeiro proferindo o elogio ao doutorando Patrick Le Roux

Elogio do Prof. Doutor Patrick Le Roux

Pela Prof^a Doutora Maria Teresa Cordeiro de Moura Soeiro

Senhor Reitor da Universidade do Porto, Professor Doutor Marques dos Santos
Senhores vice-reitores e pró-reitores

Senhora Directora da Faculdade de Letras, Professora Doutora Fátima Marinho
Senhores autarcas e demais autoridades

Representantes das universidades

Professores, estudantes e funcionários da Universidade do Porto

Ilustres doutorandos e padrinhos

É meu privilégio a tão honrosa quão difícil tarefa de proferir o elogio de Patrick Le Roux, e tal, evidentemente, não por falta de mérito do candidato, mas antes pela dimensão do seu trajecto profissional, embora seja curiosa leitora da obra no que toca ao noroeste, a *Callaecia* dos tempos romanos.

Patrick Le Roux, historiador que a Universidade do Porto hoje homenageia com a atribuição do grau de doutor *honoris causa*, por proposta do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras, nasceu em Morlaix, na Bretanha, em outubro de 1943. Frequentou o liceu e a Universidade de Rennes, onde recebeu, em 1965, o diploma de estudos superiores de história antiga. Completou depois a sua formação profissional, o que lhe permitiu, no final dos anos sessenta, exercer a docência no liceu de Tours e no Liceu Francês de Londres.

A década seguinte será já plenamente dedicada à investigação em história antiga, percurso iniciado em 1970, como membro da Casa de Velazquez em Madrid, num tempo em que também outros académicos franceses rumaram à península ibérica para cumprir o desiderato de a estudar nas mais diversas vertentes disciplinares, cabendo ao Centro Pierre Paris da Universidade de Bordéus III, sob a orientação de Robert Etienne, a história e arqueologia da época romana. É nesta universidade que Patrick Le Roux apresentará em 1980 a tese de doutoramento intitulada *O exército romano e a organização das*

províncias ibéricas de Augusto à invasão de 409, tornando-se especialista em assuntos relativos ao exército romano.

Durante este período desempenhou ainda funções como assistente de história antiga na Universidade de Paris - Nanterre, mas foi sobretudo na condição de investigador da Casa de Velazquez que percorreu a península, com o propósito de visitar e colher documentação sistemática em museus e sítios arqueológicos, de contactar docentes e centros de investigação das universidades, bem como estudiosos locais, criando assim simultaneamente um repositório de fontes fiável e uma malha de relacionamentos pessoais e institucionais indispensável ao sucesso do seu projecto de estudo da Hispânia romana.

Nas prístinas deslocações ao norte de Portugal, tantas vezes acompanhado por Alain Tranoy, que também homenageamos, Patrick Le Roux teve oportunidade de contactar com o então docente de Arqueologia da Faculdade de Letras, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, e com o seu padrinho de hoje, Armando Coelho Ferreira da Silva.

Por indicação do primeiro foram estudadas e apresentadas no III Congresso Nacional de Arqueologia, que decorreu na FLUP em 1973, duas aras existentes no Museu Municipal de Penafiel, uma das quais com texto invulgarmente relevante para o estudo das comunidades rurais de época romana. No ano seguinte visitou as escavações arqueológicas de Monte Mozinho, onde estava a decorrer a primeira campanha dirigida pelo mesmo professor, com a participação de jovens locais e de estudantes da Faculdade, circunstância em que pela primeira vez vi Patrick Le Roux, já então conhecido epigrafista e historiador.

Voltei a ouvi-lo em reuniões científicas, a que acorria com grande disponibilidade para apresentar e discutir temas atinentes ao noroeste na época clássica, tendo por fonte principal a epigrafia, sempre revista no original, com reconhecido rigor técnico, e interpretada no quadro de uma história global. A sua primeira monografia, de 1979, foi, aliás, dedicada à epigrafia da *Callaecia*, neste caso às inscrições romanas da província de Lugo, em co-autoria com Alain Tranoy e Filipe Arias Vilas, bom exemplo das sinergias potenciadas pela conjugação de interesses com investigadores peninsulares.

Outras iniciativas plasam idêntica colaboração neste domínio, sendo relevantes para o norte de Portugal, entre outros, o inventário das inscrições guardadas no Museu Pio XII e a síntese da epigrafia funerária que acompanha a publicação dos dados arqueológicos das necrópoles de *Bracara Augusta* da responsabilidade de Manuela Delgado e Manuela Martins, ou a anunciada compilação das inscrições romanas de Trás-os-Montes. E o filão nunca estará esgotado, não só porque mais inscrições continuam a surgir, como pela necessidade de a elas voltar, para discutir leituras e renovar interpretações, e sirva de exemplo a revisitação da ara dedicada a *Júpiter municipalis* da cidade de Chaves, publicada em 1973 e novamente glosada em 2008, porque, como afirma o autor, sempre atento a problemas de método, «*nenhuma inscrição está verdadeiramente isenta de problemas, na medida em que uma boa interpretação deve combinar leitura, significado ou sentido, valor das palavras utilizadas, comentário do texto e reconstituição minuciosa do contexto para o qual o monumento foi escolhido e pensado*».

Escreveu também no resumo do seu currículo: *a epigrafia conduz à história administrativa, à história política, à sociedade, à cultura material e à religião das populações que viveram nestes territórios*, fonte que não dispensa a informação aportada pela arqueologia e outras ciências para produzir um cada vez mais rigoroso e abrangente conhecimento das comunidades que, como as da *Callaecia*, pertencem de corpo inteiro à multifacetada história das províncias romanas, apesar da posição geográfica marginal ou da conquista tardia da região, quase dois séculos volvidos sobre a entrada do exército romano na península.

Na última década muito se tem discutido o impacto da presença de Roma na Europa e no mediterrâneo, bem como o interesse heurístico do conceito de romanização, com importantes intervenções de Patrick Le Roux. Mas para quem se interessa pela história e arqueologia do noroeste nos primeiros séculos da nossa era, torna-se impossível ignorar a profunda transformação então operada.

Sem excluir o passado, mostra como o império, beneficiando do tempo de paz iniciado com Augusto, redesenhou o mapa político e administrativo, não com base na origem étnica dos grupos como acontecia antes, mas alicerçado em

cidadãos e comunidades municipais a que estes pertenciam, empenhados num projecto histórico comum sancionado por Roma.

A estruturação da rede de centros urbanos primeiramente marcada pela criação exógena das cidades augústeas capital de *conventus*, *Bracara* e *Lucus*, a que depois se juntarão outras de época flávia, como Chaves, foi objecto de investigação do homenageado, assim como a falsa alteridade cidade/campo e as relações políticas e mobilidade social das elites locais e provinciais com aspirações a viver à romana, já que do eventual desinteresse de outros, embora estimulante para pensar, será sempre difícil fazer prova.

Não podemos esquecer também o estudo do exército, tema da sua tese doutoral e de muitos contributos complementares, nomeadamente sobre o papel das unidades militares presentes na província durante o império, a sua interacção com as comunidades e a importância do recrutamento de indígenas para os corpos auxiliares, a servir em frentes longínquas, homens que, de regresso à vida civil, podiam tornar-se agentes privilegiados para a transmissão dos novos comportamentos e modos de viver aprendidos, aquisição cultural susceptível de conduzir à promoção social.

Os cultos e religião, os monumentos e os espaços a eles dedicados, deduzidos a partir das fontes epigráficas e revelados pela arqueologia foram objecto de vários artigos, que se adensam com o acumular da informação e constante problematização como a apresentada no trabalho de 2009 intitulado *cultos e religião no noroeste da península ibérica no alto império romano, novas perspectivas*, em que se discutem os conceitos de *interpretatio* e de sincretismo no quadro da romanização, argumentando em contra-corrente que «*com respeito aos cultos indígenas, não há dúvida de que estes não indiciam uma resistência à dominação romana mas, pelo contrário, puseram de manifesto um avanço em direcção a Roma e a recepção das suas práticas religiosas patente na utilização de construções e monumentos desconhecidos nos territórios do noroeste, assim como no uso de inscrições em latim cujos formulários expressavam novas actuações com respeito ao culto referido*».

Uma última nota para a inevitável atenção prestada pelo epigrafista à vulgarização do latim, à aprendizagem da escrita e sua utilização para os mais diversos fins e sobre diferentes suportes, à reveladora variação da onomástica.

Foi curta enumeração para tão extensa e reflectida obra sobre as mundividências da gente do noroeste no contexto da Hispânia que soube sentir-se romana.

*

Ao longo dos anos, essa *Hispania* das épocas romanas tornou-se, e penso que continua a ser, paixão e missão do historiador, que também realizou incursões na arqueologia, quer fugazmente em Conímbriga, quer de forma mais continuada como na cidade romana de *Baelo Claudia*, próximo de Cádiz, da qual publicou não só a monografia da epigrafia, co-autoria de 1988, como colaborou nos relatórios das campanhas anuais.

Trabalhador incansável, testemunham os colegas, é desde 1981 redactor de *L'Année Epigraphique*, a publicação periódica repositório da epigrafia clássica. Posteriormente, entre 92 e 94, o CNRS destacou-o para a função de *Directeur de Recherche* no *Laboratoire Année Epigraphique*, passando desde aí a secretário da redacção, tarefa hercúlea que implica um conhecimento sistemático, actualizado e crítico de quanto se publica neste domínio, para preparar recensões e ponderar a selecção comentada das cerca de mil epígrafes a eleger em cada ano.

A par das publicações para especialistas, o currículo de Patrick Le Roux contempla livros igualmente rigorosos mas destinados a um público mais alargado, contribuindo assim para a divulgação da história antiga. São exemplo desta bem sucedida prática quer a publicação na série Nova História da Antiguidade, da Seuil, do título *O Alto-império romano no ocidente de Augusto aos Severos*, com três tiragens e mais de 30.000 exemplares, quer a publicação em 2005, na colecção *Que sais-je?* da síntese *O império romano*, volume já traduzido para turco, árabe, grego e português, no Brasil, em 2009.

Sobre a península ibérica salientamos a obra *Romanos de Espanha. Cidades e política nas províncias*, primeiramente publicada em Paris, pela Armand Colin, em 1995, onze anos depois revista e traduzida para castelhano, editada em Barcelona. De maior envergadura, o recente livro *A Península Ibérica nas épocas romanas (fim do séc. III a.C. - início do séc. VI d.C.)*, também da Armand Colin, oferece-nos uma síntese maturada.

Apesar de todo este empenho na investigação, somando inúmeras participações em reuniões científicas e a publicação de cerca de quinze

monografias, duzentos artigos e meia centena de recensões e prefácios, não deixou de ser professor. Durante a década de noventa ensinou, sucessivamente, na reputada Escola Normal Superior da rua de Ulm, em Paris, e nas universidades de Toulouse e Rennes, para em 2003 passar à Universidade de Paris 13 onde se reformou, permanecendo desde 2008 como professor emérito.

*

A Espanha reconheceu institucionalmente a relevância do labor de Patrick Le Roux ao elegê-lo membro correspondente da Real Academia de la Historia, em 1995. Os seus pares dedicaram-lhe as actas da VII Mesa Redonda Internacional sobre a Lusitânia romana, com a epígrafe «*veterano das Mesas Redondas sobre a Lusitânia romana, sempre comprometido ao serviço da Hispania antiqua, homenagem dos editores por uma honesta missio*». Portugal cumpre hoje igual dever de gratidão.

Senhor Reitor, distinta assembleia

Quatro décadas a investigar e divulgar ao mais alto nível internacional a história da Hispânia romana, e em particular da Callaecia, são certamente argumento por excelência justificativo da obtenção do grau de doutor *honoris causa*. O currículo testemunha o empenho e o elevado valor científico do candidato.

Mas esta distinção também muito honra quem a atribui, a centenária e sempre renovada Universidade do Porto que, na senda da almejada internacionalização, passará desde hoje a integrar Patrick Le Roux no claustro dos seus doutorados. Termino por isso com uma saudação propiciatória simples: que seja, por muitos e frutuosos anos, bem-vindo nesta casa de todas as ciências.

Porto, 10 de Outubro de 2011

Teresa Soeiro

Discurso de agradecimento pronunciado pelo**Prof. Doutor Patrick Le Roux**

Senhor Reitor da Universidade do Porto,
Senhores Vices-Reitores e Pró-Reitores,
Senhora Directora da Faculdade de Letras,
Senhores e Senhoras eminentes professores,
Senhoras e Senhores estudantes,
Caro Padrinho, Cara Teresa, Caros Colegas e amigos

O caminho, iniciado há mais de quarenta anos, foi traçado pouco a pouco com o auxílio de mestres, de colegas e amigos e ao sabor de encontros imprevistos. Todos estão presentes na minha mente, mas neste momento lembro-me mais particularmente dos que já nos deixaram. Sem o meu mestre André Chastagnol que me inoculou o vírus da história romana e da epigrafia, sem o seu amigo Robert Etienne, meu director de tese, que me orientou para a Casa de Velázquez e Conímbriga no início e me encorajou a explorar as riquezas de Portugal, sem Carlos Alberto Ferreira de Almeida que não hesitou em acompanhar-nos na procura de inscrições latinas bem longínquas, por estradas estreitas e sinuosas, não estaria aqui perante vós. Apesar de pouco familiarizados com a Península Ibérica e Portugal, dois mestres em História romana, H.-G. Pflaum e C. Nicolet moldaram a minha inteligência histórica e ensinaram-me os arcanos da profissão. Sei o que lhes devo.

A minha gratidão vai também para a Manuela Delgado, espírito aberto sempre disponível para quem quisesse trabalhar e para que os nossos conhecimentos progredissem. José João Rigaud de Sousa, do Instituto do vinho do Porto, espírito curioso e apaixonado por arqueologia romana serviu-me de mensageiro junto de muitos colegas e de amadores esclarecidos porque ele queria que a história que amava e cultivava fosse partilhada e mais bem conhecida. O acolhimento, a generosidade e carinho nunca faltaram. É com um prazer não dissimulado que soube que o Professor Armando Coelho Ferreira

da Silva seria o meu “padrinho”. Foi no Congresso do Porto de Outubro de 1973 que me cruzei com ele pela primeira vez. Desde então, nunca nos perdemos de vista. Desde a colaboração no terreno até projectos por vezes, inacabados, infelizmente, por causa da distância, entre publicações “trocadas” e visitas a Paris, desenvolvemos um apreço recíproco pelos nossos estudos respectivos e uma franca amizade. Especialista da cultura castreja que ele prolonga até à época romana, deu a devida importância ao contributo da epigrafia. Vi-o feliz e muito activo no castro de Caminha ou na citânia de Sanfins. O seu gosto pelas relações humanas pacientemente tecidas e cultivadas facilitou muitas vezes o acesso a documentos que, aliás, era preciso procurar com perseverança. Evidentemente, não posso esquecer Alain Tranoy: a nossa associação de hoje não é devida ao acaso. De tanto seguirmos por curvas e contracurvas entre Vila Real e Amarante e demais sítios, de tanto matarmos ingloriamente perante pedras ilegíveis ou enigmáticas, de tanto “fazermos ficheiros” demos início a uma sólida cumplicidade amigável porque preservada pela aceitação das nossas diferenças. Foi no Porto, em 1973, que também conheci o nosso amigo J. D’Encarnação que se dedica com tanta ciência e arte da comunicação e de sentido de amizade à promoção da epigrafia portuguesa em Portugal e na Europa, e até no Brasil. Vítor Oliveira Jorge, que acaba, há pouco, de dar a sua última aula, abordou-me um dia de 1971, nestes mesmos locais, em francês e falou-me das suas relações com Rennes, a cidade dos meus estudos. Lembro-me de um almoço de domingo alguns anos mais tarde em Baião: é pena que as nossas épocas de estudo não tenham tido mais para se dizer. Partilho com ele a preocupação da epistemologia tão preciosa ao arqueólogo e ao historiador.

Porto foi um lugar de iniciação para as minhas investigações sobre o Império romano. Em Fevereiro de 1971, na sequência do exame sistemático do CIL II, verifiquei um grande vazio epigráfico no território do “conventus” de Braga, correspondendo *grosso modo* em Portugal ao Norte do Douro. Tinha a intenção de preencher este vazio tentando começar pelos museus antes de me deslocar às aldeias e povoados. Com o apoio de Manuela Delgado, foi assim que inaugurei a minha aprendizagem directa das inscrições romanas, e portanto do Norte de Portugal, mergulhando nas reservas do Museu Soares dos Reis antes de me deixar absorver pelo Museu do Seminário Maior cuja colecção apontava

desta vez para Cárquere, a sul do rio. Do Museu Martins Sarmento em Guimarães ao Museu Diogo de Sousa em Braga, de Viana do Castelo a Chaves e a Bragança, acumulei no espaço de dois anos uma documentação confidencial ou inédita cuja focagem histórica se revestia de uma importância insuspeitada para a apreciação das sociedades provinciais no Império. Com uma certa dose de inconsciência, tinha sobreposto os meus passos aos de F. Martins Sarmento, J. Leite de Vasconcelos, M. Cardoso, F. Manuel Alves, o Abade de Baçal, F. Russell Cortez, cujas sombras tutelares velavam sobre a epigrafia destas terras acolhedoras. As viagens posteriores na companhia de Alain durante duas décadas, a redacção de *L'Année Epigraphique* ao fio dos anos atestam que o contacto com os lugares dos meus primeiros passos jamais foi interrompido. Um grande momento foi o estudo no museu de Penafiel de um altar escrito nas três faces cujo texto não tinha sido entendido. Quando da escavação do Monte Mosinho em 1974, dirigida por C.A. Ferreira de Almeida, a minha panegirista do dia, Teresa Soeiro, a quem muito agradeço, fazia parte da equipa que me acolheu à volta de um pequeno altar de que nunca soube se trazia realmente uma inscrição.

O Porto foi uma cidade de começos. Não é de espantar? Eu vinha de longe. Oriundo de uma finisterra, sempre questioneei esta noção criada por poderes longínquos e um pouco desdenhosos. Porque há-de ser a terra a acabar em vez do mar? Um lugar como o Porto inspira muito mais a ideia de partida do que de fim. Não quero referir-me à origem do nome de Portugal nem à reunião de *Portus* e de *Cale* separadas no Império Romano. As origens têm o seu tempo. O olhar manda. Não via porque é que não seria possível contemplar fora de Roma o mundo romano e em particular das suas periferias. A minha abordagem tinha sentido e abria o caminho a pesquisas negligenciadas ou inéditas. As racionalizações da historiografia romano-centradas truncam um pouco mais a realidade já muito fragmentada. À maneira de M. Torga, de seu verdadeiro nome Adolfo Correia Rocha, que eu ainda não tinha lido naquela altura, o contacto vivo com os “anónimos” do passado parecia-me fascinante e enriquecedor. As diferenças, os desvios em relação às normas saltavam aos olhos perante o humilde epitáfio de um personagem de origem local, mesmo que ele fosse cidadão romano. As minhas experiências iniciais contribuíram largamente para forjar a minha reflexão de historiador que pensa que o

passado não pode ser simplificado por discursos sempre um pouco falaciosos quando obedecem a uma lógica unilateral imposta pelo presente. Este não era a rejeitar completamente. Todas as vezes que percorri a estrada congestionada que ia do Porto a Braga ou inversamente, sentia uma impressão particular que antes nunca tinha experimentado: a de uma evocação possível mas não modelizável da imbricação romana da cidade e do campo. A cidade antiga parecia ter deixado um forte cunho nestas terras. Ao mesmo tempo, as mutações rápidas de uma modernização impulsionada pela época dava a entender o que podia ter sido o efeito das práticas romanas nas sociedades tendo antes seguido outros caminhos.

Quem sou eu hoje perante vós para me mostrar digno da vossa homenagem? A pergunta é tão legítima que as experiências mais marcantes escapam ao tempo linear. Será o jovem pesquisador de outrora descobrindo com avidez e entusiasmo agradecido Portugal e os Portugueses do início dos anos setenta? O especialista que, ao que dizem, vim a ser das províncias Ibéricas de Roma que tentou encontrar no Norte de Portugal uma inspiração finalmente assaz fecunda? O professor “emeritus” veterano sem dúvida ajuizado, que tentou fazer o trabalho correctamente? Responder-me-ão com certeza “os três” e não me atreverei a desmentir-vos. No entanto, gostaria de me apresentar antes de tudo como um ser que a paixão da pesquisa e da amizade nunca abandonou.

Meço o significado desta honra que vai contra a minha modéstia e que ainda me surpreende. A cidade do Porto não tirou partido das minhas experiências que não lhe conferiram nem glória nem notoriedade. Meço, no entanto, a importância da vossa decisão reportando-me às tradições culturais e intelectuais de uma cidade ao passado prestigioso, cuja universidade é um reflexo ao mesmo nível do Douro. Uma cidade que levou bem alto um produto da civilização mais refinada e mais antiga, um vinho criador de paisagens esplendidamente ordenadas do lado de Régua e Lamego ou de Penaguião, das quais M. Torga fez o palco do livro “Vindima”, não pode deixar indiferente. Mesmo se aqui não nasceram, o que é o caso de Torga ou de Camilo Castelo Branco que aqui conheceu no entanto a prisão, muitos foram os que a ilustraram testemunhando do lugar da cultura e do gosto pela liberdade que é o seu. Entre paixão da razão e razões das paixões, Sampaio Bruno, Ramalho Ortigão, Soares dos Passos, o poeta lírico e cândido namorando no Passeio

das Virtudes, Almeida Garrett, António Nobre, Manoel de Oliveira que transpôs magistralmente o livro de Camilo Castelo Branco, este amamentado “nos seios de pedra” da Serra do Marão segundo o seu compatriota Torga, ligaram mais ou menos os seus nomes à cidade. O instinto de criação e liberdade nunca deixou de existir, apesar dos avatares da história, na capital do Norte. Que dizer daquele que faz figura de *dominus*, perante o qual a cidade antiga pousada na colina parece inclinar-se: o Douro? Só retenho aqui a etimologia de seu nome antigo *Durius*: *dour* que em Bretão quer dizer “água” e também “chuva” e “lágrimas”. Será que o jogo do acaso mais não é do que um jogo de água e será o “finisterrense” vindo de longe efectivamente visto como estando em casa nas margens do rio? Eu entenderia melhor assim a excessiva honra que lhe é feita hoje.

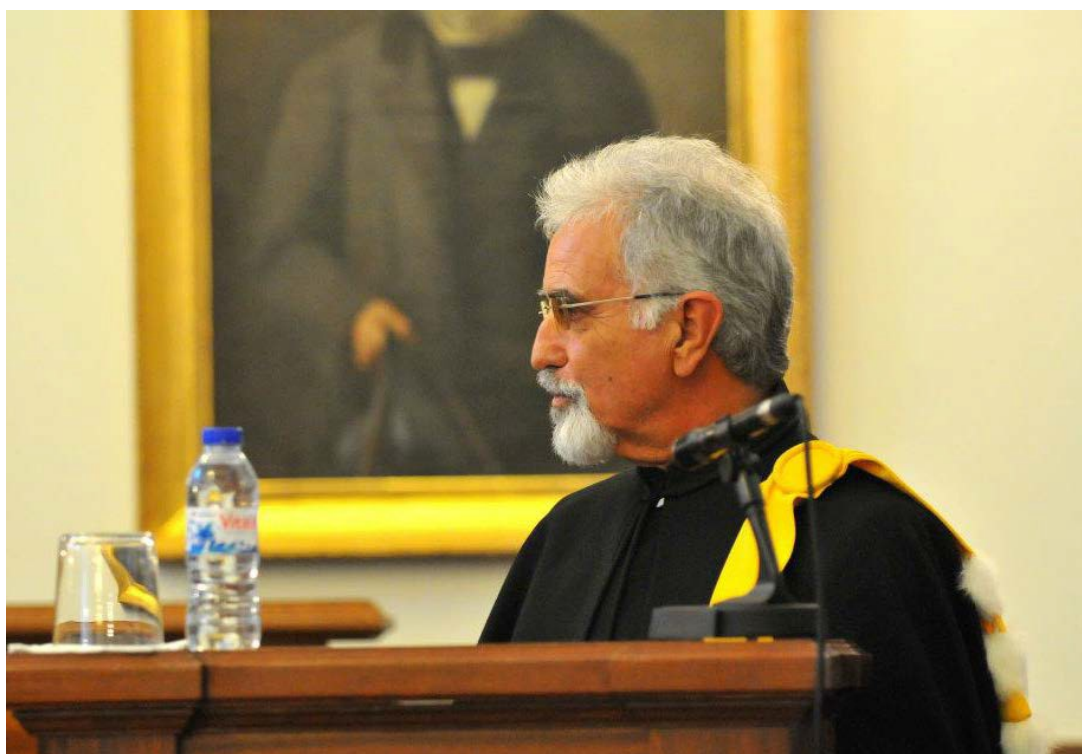
Pouco importa. É preciso concluir. Estou muito feliz e muito honrado. Neste minuto, a gratidão e a alegria animam-me e exprimem o meu profundo reconhecimento. Porém, sobe em mim uma emoção indescritível, aquela gerada pela satisfação do trabalho cumprido e as marcas duráveis de uma amizade tão sincera como indefectível. Acrescentaria que na cerimónia desta manhã, sinto um encorajamento não para recomeçar mas para prosseguir. Um obrigado do mais profundo do meu coração pela confiança e pela marca de estima.



Professor Doutor José Carlos Marques dos Santos, Reitor da Universidade do Porto, Professora Doutora Maria de Fátima Marinho, Diretora da Faculdade de Letras, Professor Doutor José d'Encarnação da Universidade de Coimbra, Professor Doutor Armando Coelho, da Faculdade de Letras



Apresentação pelo Professor Doutor Armando Coelho, ao Reitor, do pedido de atribuição de Doutoramento *Honoris Causa* a Patrick Le Roux



Apresentação pelo Professor Doutor José d'Encarnação, ao Reitor, do pedido de atribuição de Doutoramento *Honoris Causa* a Alain Tranoy



Entrega de diploma pela Diretora da Faculdade de Letras ao novo Doutor Patrick Le Roux



Entrega de diploma pela Diretora da Faculdade de Letras ao novo Doutor Alain Tranoy



O Mestre-de-cerimónias lê o registo no Livro de Registos dos
Doutoramentos *Honoris Causa* da Universidade do Porto



O Reitor assina o Livro de Registos dos
Doutoramentos *Honoris Causa* da Universidade do Porto



A Diretora assina o Livro de Registos dos
Doutoramentos *Honoris Causa* da Universidade do Porto



Sessão de cumprimentos



Sessão de cumprimentos